

JOSEFFER MAXI MAIA RODRIGUES

**IMPOLIDEZ E IDENTIDADES EM NARRATIVAS *QUEER* NAS REDES
SOCIAIS**

**RECIFE
2024**

JOSEFFER MAXI MAIA RODRIGUES

**IMPOLIDEZ E IDENTIDADES EM NARRATIVAS *QUEER* NAS REDES
SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Ricardo Rios Barreto Filho

RECIFE

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Rodrigues, Joseffer Maxi Maia.

Impolidez e identidades em narrativas queer nas redes sociais
/ Joseffer Maxi Maia Rodrigues. - Recife, 2024.
92f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, 2024.

Orientação: Ricardo Rios Barreto Filho.

Inclui referências.

1. Impolidez; 2. Identidades Queer; 3. Narrativas. I. Barreto
Filho, Ricardo Rios. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JOSEFFER MAXI MAIA RODRIGUES

**IMPOLIDEZ E IDENTIDADES EM NARRATIVAS *QUEER* NAS REDES
SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Dr. Ricardo Rios Barreto Filho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Herbertt Neves (Examinador Interno)
Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Federal de Pernambuco

Dra. Eva Carolina da Cunha (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Começo esta seção agradecendo, primeiramente, à pessoa que me trouxe ao mundo e que, com seu sacrifício, me ajudou a chegar até aqui: Jupiraci. Você não foi apenas mãe, mas também pai, amiga e tantas outras coisas. Muitos são os epítetos possíveis para descrevê-la, mas nenhum deles parece suficiente para captar a grandiosidade de quem você é. Obrigado por ser, ao mesmo tempo, minha força e meu refúgio, um exemplo de mulher guerreira e mãe solteira que nunca hesitou em fazer o possível e o impossível para apoiar a mim e à minha irmã em qualquer caminho que escolhêssemos seguir. Não há palavras nem páginas suficientes para expressar minha gratidão, então encerro dizendo: te amo imensamente.

Agradeço também à minha tia/mãe, Lu. Você não foi apenas um apoio, mas um pilar fundamental que me ajudou a sonhar e acreditar em mim mesmo. Seu amor e dedicação fizeram toda a diferença na minha jornada, e sua presença me deu a força necessária para seguir em frente.

Estendo minha gratidão a todos os professores que passaram pela minha vida, desde a educação básica até o ensino superior. Em especial, à Professora Medianeira, que, já no primeiro período do curso de Letras, me fez olhar para a língua e a linguagem com olhos encantados e renovados. Sua paixão foi o que me inspirou a continuar no curso com entusiasmo e determinação. De igual maneira, agradeço à Professora Kazue, que me acolheu em seu grupo de pesquisa com generosidade e me incentivou a trilhar o caminho da vida acadêmica. Sua orientação e seus conselhos foram presentes inestimáveis e, por meio de você, fui agraciado com o orientador deste trabalho. Ricardo, sou profundamente grato por tudo o que aprendi ao longo desses anos sob sua orientação. Sua paciência, sua sabedoria e sua dedicação fizeram toda a diferença nesta trajetória. Ter você como meu orientador foi uma verdadeira bênção.

Por fim, dirijo-me aos amigos que compartilharam esta jornada comigo: Willams, Mar, Luke, Bruna, Thaianne, Bárbara e tantos outros. Vocês foram minha base, meu porto seguro nas dificuldades, e os primeiros a comemorarem comigo em cada conquista. A cada um de vocês, minha eterna gratidão. Sem dúvida, eu sou porque nós somos. Caminho sobre os ombros de gigantes e levo comigo um pedaço de cada um que contribuiu para que este momento fosse possível.

RESUMO

Com o advento da revolução digital, as formas de socialização passaram a ser mediadas também pelo meio tecnológico. A exemplo disso, temos o amplo uso das redes sociais na rotina da vida contemporânea, de maneira a estreitar a distância entre as pessoas e sua interação. Então, é notável como a acessibilidade a essas redes e a facilidade de emitir opiniões e julgamentos sem se comprometer, pelo distanciamento e, muitas vezes, anonimato proporcionados pelas telas e pelas plataformas de redes sociais, propiciam a inflamação dos discursos e, assim, a ampla presença da impolidez. Nesse sentido, faz-se necessário investigar como a impolidez é gerenciada no meio digital e o que ela tem a ver com os sujeitos que a vivenciam. Sabendo disso, objetivou-se, de modo amplo, neste trabalho, analisar como se caracteriza a impolidez e a construção das identidades dos interactantes, observando os aspectos co-textuais, contextuais e as escolhas linguísticas, a partir das narrativas de sujeitos dissidentes nos sites de redes sociais, nomeadamente, *Facebook* e *Twitter*. Especificamente, 1) descrever a configuração da impolidez em narrativas dissidentes nas redes sociais; 2) caracterizar os recursos verbais empregados no uso da impolidez e da construção das identidades nas redes sociais; 3) verificar como as identidades *queer* são construídas em sua relação com a impolidez. A escolha desses sites se deu pelo fato de que são plataformas amplamente utilizadas no Brasil. Para construção dos dados, fizemos uma coleta de 20 postagens e seus respectivos comentários e réplicas, nas duas redes sociais, partindo de uma abordagem qualitativa-interpretativista e etnometodológica. A partir disso, foi feito um recorte de 10 postagens, obedecendo os critérios da pesquisa, que fossem mais representativas. Nos apoiando teoricamente na literatura de áreas, tais como, os Estudos da (Im)polidez, Teoria e Linguística *queer*, e das Narrativas de “small stories”. Então, a metodologia se deu de maneira a detectar e averiguar como a impolidez é gerida nessas redes, observando a presença de fórmulas convencionalizadas de impolidez e a percepção dos sujeitos *queer* sobre os episódios por que passaram. Ademais, estabelecemos uma relação da impolidez com a constituição de identidades *queer* de maneira situada e narrativa. Por fim, nossos achados apontam para o entendimento de que há uma grande relação das experiências de impolidez e as identidades *queer*, pois há um processo de normatização das identidades *queer* enquanto não aceitáveis, abjetas e anormais. E é por esse aspecto relacional das identidades que a matriz heteronormativa dentro da nossa sociedade também consegue estabelecer sua identidade como a única possível, adequada, legítima e autêntica.

Palavras-chave: Impolidez; Identidades Queer; Narrativas; Mídias Sociais.

ABSTRACT

With the advent of the digital revolution, forms of socialization have also begun to be mediated by technology. An example of this is the widespread use of social networks in contemporary life, in order to reduce the distance between people and their interactions. It is therefore notable how accessibility to these networks and the ease of expressing opinions and judgments without compromising oneself, due to the distance and, often, anonymity provided by screens and social media platforms, lead to the inflammation of discourses and, thus, the widespread presence of impoliteness. In this sense, it is necessary to investigate how impoliteness is managed in the digital environment and what it has to do with the subjects who experience it. Knowing this, the objective of this work was to broadly analyze how impoliteness and the construction of the identities of interactants are characterized, observing the co-textual and contextual aspects and linguistic choices, based on the narratives of dissident subjects on social media sites, namely Facebook and Twitter. Specifically, 1) describe the configuration of impoliteness in dissident narratives on social media; 2) characterize the verbal resources employed in the use of impoliteness and the construction of identities on social media; 3) verify how queer identities are constructed in relation to impoliteness. These sites were chosen because they are widely used platforms in Brazil. To construct the data, we collected 20 posts and their respective comments and replies, on both social media networks, using a qualitative-interpretative and ethnomethodological approach. From this, a selection of 10 posts was made, following the research criteria, that were more representative. Theoretically, we based ourselves on the literature in areas such as Studies of (Im)politeness, Queer Theory and Linguistics, and “Small Story” Narratives. Thus, the methodology was developed in order to detect and investigate how impoliteness is managed in these networks, observing the presence of conventionalized formulas of impoliteness and the perception of queer subjects about the episodes they have experienced. Furthermore, we established a relationship between impoliteness and the constitution of queer identities in a situated and narrative manner. Finally, our findings point to the understanding that there is a strong relationship between experiences of impoliteness and queer identities, as there is a process of normalization of queer identities as unacceptable, abject and abnormal. And it is through this relational aspect of identities that the heteronormative matrix within our society also manages to establish its identity as the only possible, adequate, legitimate and authentic one.

Keywords: Impoliteness; Queer Identities; Narratives; Social Media.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	15
2.1 TEMA E OBJETIVO DE PESQUISA	16
2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES	21
3. OS ESTUDOS DA (IM)POLIDEZ	24
3.1 (IM)POLIDEZ	25
3.1.1 Impolidez em abordagem sociodiscursiva	31
3.1.1.1 Impolidez e Avaliatividade	31
3.1.1.1.1 <i>Rapport</i> , face e ofensa, direitos societários e intencionalidade e emoções	33
3.1.1.1.1.1 Fórmulas convencionalizadas da impolidez	41
4. CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DISSIDENTES E IDEOLOGIA	42
4.1 TEORIA <i>QUEER</i> E LINGUÍSTICA <i>QUEER</i>	45
4.1.1 Teoria <i>Queer</i>	45
4.1.2 Linguística <i>Queer</i>	52
4.1.2.1 Adequação e Distinção	54
4.1.2.2 Autenticação e Desnaturalização	56
4.1.2.3 Autorização e Ilegitimação	57
5. NARRATIVAS DE IMPOLIDEZ E IDENTIDADES <i>QUEER</i> NAS REDES SOCIAIS	59
5.1 RELAÇÕES INTERPESSOAIS	60
5.1.1 Escola – <i>Facebook</i>	60
5.1.2 Sala de aula – <i>Facebook</i>	62
5.1.3 Interação entre amigos – <i>Facebook</i>	64
5.1.4 Saúde mental/Trabalho – <i>Twitter</i>	66
5.1.5 Trabalho – <i>Facebook</i>	68
5.2 AMBIENTES PÚBLICOS	70
5.2.1 Política/Rua – <i>Facebook</i>	70
5.2.2 Política/Rua – <i>Twitter</i>	72
5.2.3 Rua – <i>Twitter</i>	74
5.2.4 Praia – <i>Twitter</i>	77
5.2.5 Rua – <i>Facebook</i>	79

6. CONCLUSÃO

82

REFERÊNCIAS

84

1. INTRODUÇÃO

Na medida que a internet foi sendo democratizada, levando em conta sua acessibilidade e a fácil aquisição de dispositivos digitais, é perceptível, com o uso das redes sociais, a ampliação da socialização humana por meio dessas plataformas nos dias modernos (Barton e Lee, 2015). Em vista disso, faz-se necessário a investigação sobre os usos da linguagem no ambiente digital, já que muito do conhecimento linguístico foi produzido antes do advento desse novo meio de inserção do homem (Marcuschi, 2005).

É pensando sobre a interação nas redes sociais que pesquisas recentes apontam para uma facilidade à polarização discursiva (Barreto-Filho e Rodrigues, 2022; Barreto-Filho, 2019; Barreto-Filho, Neves e Barros, 2019) uma vez que, por mais que a rede digital tenha facilitado a comunicação em termos de distância, ela também facilitou a inflamação dos discursos. As plataformas digitais normalmente permitem a produção de textos de maneira anônima, ou mesmo os indivíduos facilmente conseguem criar e performar identidades falsas, assim, se cria um ambiente fértil para o aparecimento das mais diversas violências verbais, inclusive a impolidez.

Faz-se então fundamental a investigação de como a impolidez é construída nesse meio, pois, até a revolução da web 2.0, a literatura específica da área tinha majoritariamente investigado a impolidez em interações face-a-face, carecendo então de trabalhos nesse novo campo interacional, até então, desconhecido. Com isso em mente, nós indagamos: que recursos linguísticos e critérios são empregados no uso e na percepção da impolidez em narrativas de pessoas *queer* nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*? E de que forma a impolidez está relacionada a performance das identidades de pessoas dissidentes?

A escolha por essas duas redes sociais se deu particularmente por 1) segundo Brasil (2018), o *Facebook* é a rede social mais usada no país, 2) segundo a pesquisa de mídias sociais da Statista (2023), o Brasil é o quarto país com a maior quantidade de usuários no *Twitter*. Então, sobre nossa preocupação acerca da relação da impolidez com as identidades, Blitvich e Sifianou (2017) já indicavam a escassez de pesquisas que fizessem essa aproximação. Destaca-se, dessa forma, o caráter pioneiro deste trabalho, principalmente no que concerne ao estudo da impolidez na performance de identidades *queer*.

No sentido de responder às perguntas levantadas por nós e objetivo geral do trabalho, que é analisar como se caracteriza a impolidez e a construção das identidades, por meio da junção dos aspectos co-textuais, contextuais e das escolhas linguísticas, a partir das narrativas de sujeitos dissidentes nos sites de redes sociais, elencamos três objetivos específicos, tais quais: descrever a configuração da impolidez em narrativas dissidentes nas redes sociais; caracterizar os recursos verbais e multimodais empregados no uso da impolidez e da construção das identidades nas redes sociais; verificar como as identidades *queer* são construídas em sua relação com a impolidez.

O interesse em especial pelo estudo das identidades *queer* é justificado não só por ser uma questão que atravessa o pesquisador que vos fala, como também, pelo fato de que tentou-se dar lugar às vozes subalternas dos sujeitos abjetos que são sempre tão marginalizados na nossa sociedade.

Para isso, nos apropriamos do aparato teórico da Sociolinguística interacional, Etnometodologia e Estudos *Queer*. Nossa metodologia se caracteriza por ter uma abordagem qualitativa-interpretativista de cunho etnográfico, que considera os dados como ponto de partida para então pensar quais teorias podem ajudar no processo de reflexão e análise, o que se mostra benéfico, pois evita que as pesquisas possam ser enviesadas pelo uso teórico preliminar. Assim, foi feita uma inserção piloto na busca de dados que chegou à catalogação de 20 postagens nas duas redes sociais citadas anteriormente. Posteriormente, foi feito um recorte de 10 postagens, que se encaixassem nos critérios metodológicos, para análise.

Os procedimentos de análise então se deram, primeiramente, de modo a identificar as fórmulas convencionalizadas de impolidez, depois avaliamos a percepção dos sujeitos, considerando seus relatos sobre os eventos de impolidez pelo qual passaram (Spencer-Oatey, 2005), e buscamos entender as motivações dessas percepções nos baseando nos conceitos de face, direitos societários, intencionalidade e emoções, que são melhor exemplificados na subseção 2.1.1.1.1 deste trabalho.

Posteriormente, para analisar as identidades, usamos majoritariamente o aparato teórico-analítico da Linguística *Queer*, criado por Bucholtz e Hall (2005), nos atentando para o princípio relacional da construção das identidades na interação. Assim, entendemos que as identidades se dão pelos contrastes e similaridades de uma identidade

com outras. Dessa forma, os sujeitos utilizam táticas de intersubjetividade para se adequar ou se distinguir, para autenticar ou desnaturalizar as identidades, ou para autorizar ou deslegitimar uma identidade.

Por fim, para a análise das postagens enquanto narrativas, observamos os aspectos relativos aos modos de contar (ways of telling), os lugares (sites) e os contadores (tellers) (Georgakopoulou, 2015). O primeiro aspecto diz respeito às escolhas verbais de forma geral, o segundo aspecto representa os lugares físicos e sociais presentes nos relatos e, enfim, o terceiro aspecto refere-se ao narrador da história e a como os personagens são evidenciados nos relatos.

As evidências parciais da pesquisa indicam que é muito comum que a impolidez seja presente em episódios vividos por pessoas dissidentes, de tal forma, que, habitualmente, são experiências de impolidez deflagradas por pessoas não-dissidentes, por meio do contraste, que ajudam na construção das identidades abjetas. Isto significa que, é possível vislumbrar a normatização das identidades preteridas, alienando-as ao lugar do inverossímil, intolerável e anômalo.

Em síntese, a segunda seção desta dissertação se dedica a pensar os pressupostos teóricos da (im)polidez, na direção de definir e conceptualizar o fenômeno da impolidez e, por conseguinte, a construção das identidades *queer*. Além do mais, traz também a reflexão sobre o campo da Teoria *Queer*, que desde o seu começo se amparou na Pragmática de Austin (1962) para ponderar o que viria a ser conhecido por performatividade (Butler, 1990) e depois apresenta a discussão sobre a Linguística *Queer*, seus principais autores e os conceitos que embasam esse estudo.

Na terceira seção vão-se encontrar as definições do tema, conjecturando o que é a narrativa de “small stories”, sua pertinência para o debate sobre as narrativas dentro do panorama da área e a importância de mais trabalhos que usam esse aparato teórico-metodológico para entender as identidades, principalmente, de dados em língua portuguesa que necessitam de mais atenção. Bem como, os objetivos gerais e específicos de pesquisa e os procedimentos adotados de formatação dos dados, classificação e análise.

Não menos importante, a quarta seção consiste na análise parcial de uma postagem no *Facebook*. Com isso, temos por finalidade elucidar como se dará as análises futuras dos restantes dos dados da pesquisa. Na tentativa de atender aos objetivos aqui elencados,

operamos no caminho de expor os mecanismos de impolidez, desde os aspectos co-textuais aos contextuais, fazemos uma relação desses mecanismos com o gerenciamento das identidades *queer* e sua performance dentro das narrativas.

2. METODOLOGIA

Na iminência dos estudos *queer* voltados para a linguagem, esta pesquisa se preocupa, de maneira geral, em analisar como se caracteriza a impolidez e a construção das identidades dos interactantes, observando os aspectos co-textuais, contextuais e as escolhas linguísticas, a partir das narrativas de sujeitos dissidentes nos sites de redes sociais, nomeadamente, *Facebook* e *Twitter*.

Os dados aqui analisados consistem em 10 postagens, sendo 6 do *Facebook*, e 4 do *Twitter* e 40 réplicas/comentários. Esses dados foram categorizados levando em consideração a temática da violência, vivida pelos sujeitos dissidentes, relatadas nessas redes sociais e de que maneira suas identidades são performadas tendo em conta as situações delicadas vividas por eles quando tentam viver em plenitude suas identidades.

Essa pesquisa se caracteriza por uma metodologia qualitativa, de abordagem etnometodológica (Coulon, 1995). Isso significa que os dados foram observados de modo indutivo, que analisa os fenômenos e as práticas de linguagem antes de se definir uma teoria primitivamente, o que faz com que o pesquisador olhe para os dados e para o que eles apresentam sem antes se amarrar em teorias.

Em suma, essa seção visa justificar a escolha da temática, o campo de pesquisa e apresentar os procedimentos de análise que caracterizam essa pesquisa. Considerando, de forma situada, as práticas de linguagens desempenhadas pelos sujeitos a partir de um olhar atento às percepções dos participantes quando narram pelo que passaram, a ocorrência e frequência de fórmulas de impolidez e a construção das identidades presentes nas narrativas.

2.1 Tema e objetivo de pesquisa

Na atualidade, observa-se a crescente influência das redes sociais na vida das pessoas. A disseminação dos computadores pessoais, dispositivos móveis e da internet resulta em uma significativa parcela da sociedade dedicando parte substancial de seu tempo a interações virtuais por meio de diversos sites e aplicativos.

Nesse contexto, os sites de redes sociais desempenham um papel crucial na socialização moderna, permitindo aos usuários a interação com outros, mesmo que de forma remota, ao alcance de suas mãos e a qualquer momento. Diversas plataformas digitais têm ganhado popularidade nos últimos anos, facilitando interações tanto síncronas quanto assíncronas. Destacam-se, em particular, os sites de redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outros.

Os dados de Brasil (2015) indicam que o uso da internet pode continuar a aumentar ao longo do tempo, uma vez que 65% da população mais jovem (entre 15 e 25 anos) utiliza a internet diariamente, em comparação com apenas 12% da população mais idosa (entre 55 e 65 anos). Assim, à medida que o tempo avança, é provável que a população brasileira aumente tanto em número de usuários quanto em tempo de exposição à rede.

Logo, pesquisas recentes (BARRETO-FILHO E RODRIGUES 2022; BARRETO FILHO, 2019; MACHADO; MISKOLCI, 2019) têm atestado como o ambiente virtual, das redes sociais, propiciam a polarização e, por consequência, são um ambiente fértil para o aparecimento de impolidez e agressão verbal. Levando isso em conta, se justifica assim a escolha do meio virtual para a produção desta pesquisa.

Neste trabalho, o foco é demonstrar como a impolidez e as construções identitárias estão relacionadas. Para isso, no baseamos no arcabouço analítico das perspectivas discursivas da impolidez (WATTS, 2003; MILLS, 2011, SPENCER-OATEY, 2002, 2005, 2007), das fórmulas convencionalizadas da impolidez (CULPEPER, 2011), das táticas de intersubjetividade (BUCHOLTZ; HALL, 2004, 2005) e do quadro teórico das narrativas de pequenas histórias (GEORGAKOPOULOU, 2006, 2008, 2014, 2015, 2016, 2017).

O método de pesquisa com narrativas se revela como uma abordagem valiosa considerando que as narrativas são descritas como "uma forma de entender a experiência" (Cladinin e Connely, 2000, p. 20). Nosso propósito nesta pesquisa é compreender como os sujeitos *queer* percebem e avaliam situações de impolidez vivenciadas. Dessa maneira, seguimos a distinção estabelecida por Connely e Cladinin (1990), que argumentam que o fenômeno constitui a história, enquanto o método de investigação se configura na narrativa.

Assim, organizamos as experiências cotidianas que vivenciamos na forma de narrativa. À medida que amadurecemos, passamos a interpretar esses eventos de diversas maneiras, atentos a múltiplas perspectivas (Bruner, 1991). Consequentemente, classificamos as experiências em diferentes níveis, partindo de diversas situações que experimentamos no mundo. Isso se reflete na observação de Carter (1993), que destaca como "as histórias tornaram-se um meio de capturar a complexidade, a especificidade e a inter-relação dos fenômenos com que lidamos" (p. 6).

Tendo isso em vista, é possível compreender "como a narrativa opera como instrumento do pensamento ao construir a realidade" (Bruner, 1991, p. 6). Além disso, estamos interessados em observar como a impolidez interfere nessa construção de percepção e identidades dos sujeitos dissidentes. Dessa forma, buscamos refletir sobre como os símbolos culturais e a ação permeiam as expressões dos participantes da pesquisa que emergem nos dados.

A narrativa desempenha a função de compartilhar experiências e reconstruir identidades, entre outras, uma vez que é no processo de recriar o passado que podemos conceber um novo futuro. O método de pesquisa por narrativas, como destacado por Cortazi (1993), revela-se ideal para examinar a história de pessoas *queer*, por exemplo, pois ao prestar atenção às suas vozes, começamos a entender sua cultura de acordo com a perspectiva deles.

Portanto, sobre essa dinâmica do relato narrativo, Galvão (2005, p. 331) coloca:

As explicações contêm crenças e valores, assim como ações de referência, e no método narrativo, os assuntos são contextualizados em termos de acontecimentos que são analisados, mais tarde, de uma forma pessoal, dando aos acontecimentos um significado situacional.

Entretanto, é importante ressaltar que é impossível ter acesso direto à experiência alheia; o que podemos analisar são apenas as representações dessa experiência, que se manifestam através de relatos, textos, interações e interpretações. Nesse sentido, é crucial compreender que o significado é fluido e contextual, uma vez que lidamos com representações da realidade e não com a realidade em si, visto que ela não existe como algo concreto, sendo moldada pela linguagem, ou seja, é algo que criamos. Isso está em sintonia com a perspectiva de Vygotsky (1979), que afirma que há significado nas palavras, mas é somente no discurso que encontramos o sentido.

Desta maneira, o panorama teórico-metodológico que nos baseamos considera que durante muito tempo a literatura dos estudos da narrativa negligenciaram as pequenas histórias, marginalizando-as, não as considerando narrativas pelos critérios dos autores canônicos, desta maneira, carecendo de escrutínio científico. Sobre as “small stories”, Georgakopoulou (2006, p.130), criadora deste aparato, afirma que elas são:

uma gama de atividades narrativas sub-representadas e “atípicas”, como contar eventos em andamento, eventos futuros ou hipotéticos, eventos compartilhados (conhecidos), mas também alusões a relatos, adiamentos de relatos e recusas em contar.

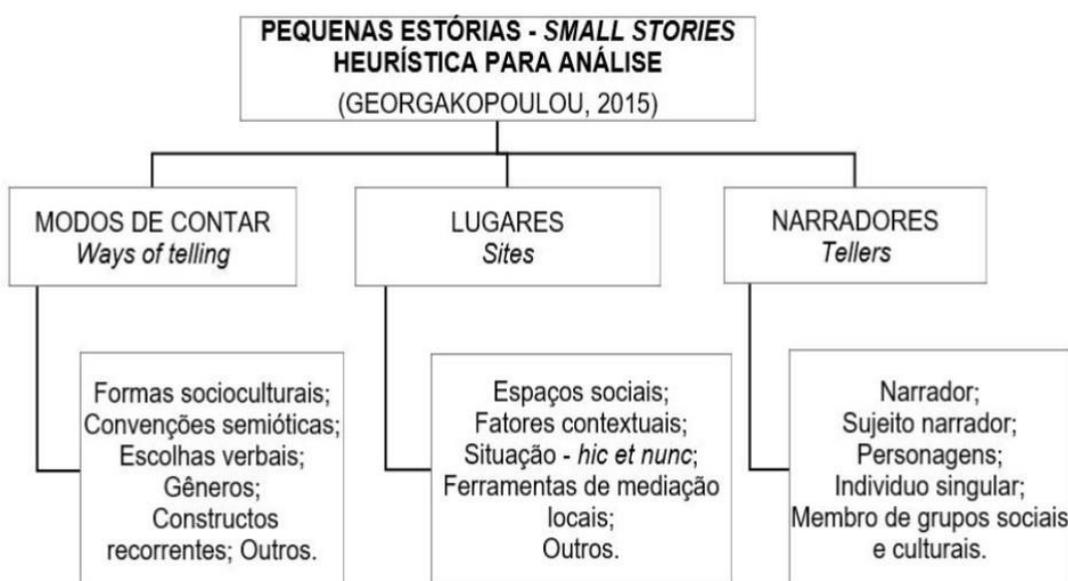
O objetivo da criação do aparato teórico das “small stories” não é o de criar uma oposição às tradicionais “big stories”, mas sim o de ratificar a pluralidade e heterogeneidade das maneiras de narrar histórias na nossa sociedade, se pautando numa visão pós-estruturalista. Logo, a análise das “small stories” abraçam a flexibilidade e relatividade das definições, tendo uma visão anti-essencialista das práticas de linguagem.

Por esse ângulo, as “small stories” bebem de teorias como a Análise da Conversação (Goodwin, 2015) e a Linguística Aplicada. Pois se interessa nas práticas de linguagem em performances específicas, em contextos situados (Hanks, 1996). Por isso, as abordagens etnográficas se adequam ao aparato das “small stories” e normalmente costumam acompanhá-lo. Sabendo disso, nos embasamos num modelo etnográfico adaptativo (Hine et al., 2009) que traz para a interpretação etnográfica *on-line* a observação participante e a coleta em tempo real.

À vista disso, Georgakopoulou (2007) criou um heurística para análise dessas “small stories” que, para categorizar o que seria narrativa, atenta-se para: (1) os modos de contar (*ways of telling*), que consistem nas escolhas verbais, nos segmentos narrativos, nos indexadores semióticos presentes no texto, e nos links intertextuais; (2) os lugares

(*sites*), que consiste numa concepção ampla de lugar que vai desde a materialidade física até lugares sociais e (3) os narradores (*tellers*), que consistem nos personagens das narrativas, nos indivíduos, e suas particularidades, que contam as narrativas e nos grupos sociais e culturais que ocupam. Segue abaixo um quadro que esquematiza os conceitos mencionados anteriormente:

Quadro 1



Fonte: Retirado de Carmo (2021) com base em Georgakopoulou (2015)

A aplicação teórico-metodológica das “small stories” já mostraram ajudar a desvelar grandes problemas relativos às questões educacionais (Ryan, 2008; Olson e Craig, 2009) que passam despercebidos pelos critérios de uma narrativa canônica. No Brasil, igualmente já há trabalhos que lidam com as “small stories” na análise do discurso de vozes subalternas de velhos de uma comunidade rural (Carmo, 2021).

Especificamente, se pensarmos no contexto de narrativas de violência sofridas por pessoas *Queer*, a análise das “small stories” se configura como um afinado método para coleta desses dados de natureza extremamente delicada. Mais ainda, como bem pontua Georgakopoulou (2015, p. 263),

As pequenas histórias emergem frequentemente como contra-histórias, as histórias que não são incentivadas ou permitidas em ambientes específicos, que não se enquadram expectativas de quem deveriam ser os contadores e que histórias contam. Pequenas histórias nesses casos introduzem contradições,

dilemas e tensões por parte dos contadores. Por sua vez, a pesquisa em pequenas histórias serve mais como uma epistemologia do que apenas como um instrumento analítico, um conjunto de ferramentas. Torna-se um ponto de vista ideológico para o analista que procura “ouvir” tais histórias contrárias e torná-las audíveis.

É curioso também pensarmos como as redes sociais, que não foram inicialmente pensadas para serem lugares harmoniosos de trocas de mensagens se tornaram não apenas isso, mas lugares de uma socialização profunda, visto que é muito comum encontrarmos denúncias, como as neste trabalho estudadas, em forma de ativismo político, por exemplo. Já que dentro de uma sociedade heteronormativa, as violências de gênero e sexualidade, por muitas vezes, são normalizadas. Então, no ambiente virtual, os usuários utilizam dos *affordances* (Gibson, 1986), que são as possibilidades de uso do espaço virtual a partir dos recursos disponíveis e das limitações dele, para se fazer ouvir, isto é, mesmo que o ambiente não tenha sido pensado para isso, ele é usado nessa direção considerando o amplo alcance das redes sociais (van Dijk, 2013). Assim, sobre a relação do uso do *framework* das “small stories” juntamente com os estudos das identidades, Georgakopoulou (2009), Speckrels (2008) e Lawson (2013) mostram que é possível vislumbrar grandes problemas que concernem à raça, gênero e etnicidade dentro dessas pequenas histórias.

Ou seja, se consideramos que na modernidade as atividades comunicativas passam muitas vezes, e em alguns casos preponderantemente, pelo meio virtual. É imprescindível considerarmos também que muitas das redes sociais e dos espaços de escrita na internet oferecem um formato pequeno de comunicação. E é por isso que as “small stories” são muito recorrentes no meio virtual, Georgakopoulou (2017) já atestou a saliência das “small stories” em redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* dado que elas não seriam consideradas narrativas pelos critérios de análises convencionais. Surge daí a urgência de investigar as narrativas que circulam nesse meio.

No que concerne à impolidez, a forma como os interactantes se posicionam em suas narrativas nas redes sociais e, da mesma maneira, a forma como eles são posicionados pelos outros têm por base atributos morais (Georgakopoulou, 2013). Nessa perspectiva, ao focar no “como” as pessoas relatam as situações pelas quais passaram e, ao interagirem com outrem, co-constroem narrativas e as ressignificam, a impolidez passa a ser um fenômeno de extrema relevância.

Em síntese, é importante observar que toda percepção parte de um critério. O que é averiguar se atentamos para os “modos de contar”, juntamente com os “lugares” onde as histórias circulam, os lugares presentes dentro das histórias materialmente ou socialmente, e quem são os sujeitos “narradores”, em vista de suas histórias de vida, papéis sociais e como eles se auto caracterizam em suas narrativas. Portanto, é possível vislumbrar de maneira apurada como a impolidez acontece. Bem como, como as identidades são construídas, performadas e geridas.

Em consequência do exposto, nos questionamos: Que recursos linguísticos são empregados na impolidez em narrativas dissidentes no *Facebook* e *Twitter*? Quais critérios subjazem as percepções da impolidez vivida por pessoas dissidentes nas redes sociais? De que forma a impolidez está relacionada às identidades dissidentes nessa rede social?

Sabendo disso, os objetivos desta pesquisa são:

- **Geral:** analisar como se caracteriza a impolidez e a construção das identidades, por meio da junção dos aspectos co-textuais, contextuais e das escolhas linguísticas, a partir das narrativas de sujeitos dissidentes nos sites de redes sociais.
- **Específicos:**
 - 1) descrever a configuração da impolidez em narrativas dissidentes nas redes sociais;
 - 2) caracterizar os recursos verbais empregados no uso da impolidez e da construção das identidades nas redes sociais;
 - 3) verificar como as identidades *queer* são construídas em sua relação com a impolidez.

2.2 Caracterização dos dados e procedimentos de análise

O corpus desta pesquisa é formado por 10 posts, sendo 6 do Facebook, e 4 do Twitter, 32 comentários e 8 réplicas. Segundo Brasil (2018), que é uma das pesquisas mais atuais sobre o uso da internet e das redes sociais no país, o *Facebook* é a rede social mais representativa. Já, sobre o Twitter, levando em conta a pesquisa feita pela empresa

de análise de dados Statista (2023), o Brasil é o quarto país com a maior base de usuários e audiência no Twitter.

Assim, foram investigados posts públicos, seus comentários e réplicas, provenientes tanto de atualizações de status, como em publicações em grupos de pessoas *queer*. Para além das narrativas em si, focou-se também em considerar a interatividade presente nesses textos, trazendo os comentários e suas devidas réplicas, pois muitas vezes eles ajudam a melhor compreender a construção da impolidez e das identidades.

Uma coleta piloto foi feita averiguando mais de 50 grupos e perfis públicos, no *Facebook* e *Twitter*, para a constituição do corpus. Foi possível coletar 10 postagens que se encaixavam nos critérios de que fossem textos oriundos de pessoas *queer*, que contivessem relatos de impolidez vividos por essas pessoas e fossem textos públicos. A coleta se deu entre janeiro e dezembro de 2022.

Em razão disto, os nomes dos autores das postagens e das pessoas que teciam comentários foram omitidos por “Autor(a) do post” e “Comentador (es) 1, 2, 3”. Visando facilitar o manuseio e a melhor leitura dos dados, os textos foram transcritos e formatados em .doc. Ademais, foram usados parênteses com reticências (...) para representar trechos que foram excluídos, **negrito e sublinhado** para representar *hiperlinks* e marcações de usuários e colchetes duplos [[]] para representar comentários do analista. Vejamos abaixo, no Quadro 5, um exemplo visual de como os dados serão formatados:

Quadro 2

Postagem	<u>Autor(a) do Post</u> Gente, gostaria de perguntar a vocês... Porque no meio GLBT é tão difícil das pessoas quererem algo sério umas com as outras? Cara, tô tão cansado de demonstrar sentimento pras pessoas e elas me darem <i>ghost</i> .
Comentários:	

	<p style="text-align: center;"><u>Comentador</u></p> <p>Mas nao é so no meio lgbt que existem pessoas que nao querem nada com nada.</p> <p>Você só nao encontrou a pessoa certa ainda</p>
--	--

É válido salientar que a forma original da escrita das postagens foi mantida, evitando correções gramaticais e ortográficas. Para fins de análise, foi feito um recorte de 10 postagens apresentadas na seção 5.

Logo, fizemos uma categorização temática dos dados que nos levou a 2 macro-temas: relações interpessoais e ambientes públicos. Os dados que abrangem as relações interpessoais englobam narrativas que se passam nas interações do contexto social que as pessoas estão inseridas, como situações na escola, sala de aula, interações entre amigos, saúde mental e trabalho. Por fim, as narrativas que não envolveram algum tipo de vínculo interpessoal foram categorizadas como narrativas de ambiente público, tais quais, situação que se passam nas ruas e na praia.

Assim, com o objetivo de atender ao objetivo principal desta pesquisa, que é analisar como se caracteriza a impolidez e a construção das identidades, a partir das narrativas de sujeitos dissidentes nos sites de redes sociais, foi feita uma identificação geral dos mecanismos de impolidez, no que tange as fórmulas convencionalizadas de impolidez (Culpeper, 2011). Não obstante, o aparecimento dessas fórmulas de impolidez não é, em seu total, confirmação de que existe a impolidez, em virtude de que, de maneira geral, para constatar a impolidez nos apoiamos nas percepções dos interactantes sobre os acontecimentos vividos por eles.

Consequentemente, foi feita uma categorização dos dados, tendo em vista os conceitos de face (qualitativa, de identidade social e relacional), direitos societários (de igualdade e associação), intencionalidade (*a priori*, *post-facto* e coletivas) e emoções (evidências de harmonia ou desarmonia), preconizados por Spencer-Oatey (2002 e 2005). A partir daí, fizemos uma associação das marcas de impolidez com a constituição das identidades *queer* que apareceram nos dados.

Nessa empreitada, em geral, nos respaldamos nos conceitos advindo da teoria e linguística *queer* para pensar sobre as identidades. Sobretudo, usamos o aparato teórico-metodológico presente em Bucholtz e Hall (2005), em que são elencados os princípios de análise das identidades na interação, particularmente, o princípio da relacionalidade. Esse princípio nos é caro pelo fato de que nele encontramos os conceitos centrais de como as identidades se constituem de modo interacional. Assim dizendo, os dados foram catalogados tendo em consideração os conceitos de adequação e distinção, autenticação e desnaturalização, autorização e ilegitimação, que estão melhor explicitados na subseção 3.2.2.

Enfim, sobre o aspecto narrativo nas redes sociais, ao invés de usarmos a metodologia de entrevista, consideramos as postagens em termos de narrativas. Essa escolha se deu pelo fato de que, depois de ter feito uma pesquisa na literatura da área das narrativas, foi constatado a grande predominância do uso de entrevistas, o que aumentou nosso interesse nas narrativas de “small stories”, justamente essas que são deixadas de lado pela literatura canônica da área (Georgakopoulou, 2017). A propósito, verificamos também na pesquisa bibliográfica a pouca aplicação desse quadro teórico-metodológico em dados de língua portuguesa.

Nos concentramos, então, em observar como as narrativas de “small stories” são constituídas pelos modos de contar, lugares e narradores. Em outros termos, de que forma os sujeitos relatam as situações, dando importância a aparição de convenções semióticas, recorrência de indexadores, escolhas verbais etc. Da mesma forma, é preciso notar que lugares as situações se passam, e/ou que lugares sociais são expostos. Outrossim, é pertinente refletir equitativamente sobre quem são os narradores e como eles se categorizam e rotulam os outros nas narrativas.

3. OS ESTUDOS DA (IM)POLIDEZ

Na primeira seção da fundamentação teórica deste trabalho, apresenta-se uma revisão geral dos estudos da (im)polidez, ou seja, pesquisas que vão desde a polidez até a impolidez. Assim, será observado como os estudos da polidez começaram, que conceitos eram utilizados para investigar o fenômeno e de que maneira esses estudos levaram a uma investigação incipiente da impolidez.

Mais adiante, na subseção seguinte, foca-se na revisão dos estudos específicos da impolidez (sem os parênteses) pois, são os estudos que se preocupam, de maneira isolada, com o uso da linguagem para causar ofensa. Logo, aponta-se o aparato de análise que foi baseado para analisar a impolidez, também trazendo os autores centrais e conceitos que foram desenvolvidos com o objetivo de mostrar como a impolidez não é apenas “o outro lado da moeda da polidez”, mas carecia de investigação científica própria e, por fim, busca-se verificar como essa investigação auxiliou no melhor entendimento da polidez enquanto fenômeno discursivo.

Por conseguinte, subseção “Impolidez e avaliatividade” se preocupa em pensar a impolidez como um evento avaliativo, uma vez que, para ratificar um comportamento como impolido é preciso também que os interactantes ou os alvos do ataque, percebam aquele comportamento como impolido /ofensivo. Ou seja, nenhuma construção linguística ou comportamento é naturalmente impolido, mas sim contextualmente e interacionalmente situado, dependente das avaliações dos atores envolvidos no ocorrido.

Na próxima subseção, buscou-se pensar na impolidez como uma questão interacional, primeiro explicitando o trabalho de faces nas interações, a criação do *Rapport* e o respeito ou quebra dos direitos societários. Então, avalia-se, com base na literatura específica da área, de que forma as emoções – especialmente as negativas - influenciam diretamente no processo da construção da impolidez, aliada à percepção ou não da intencionalidade como fator determinante para a impolidez.

Finalmente, apresenta-se o conceito das fórmulas convencionalizadas da impolidez como um bom norteador para análise de dados impolidos, já que as fórmulas são um afinamento teórico e ajudam o pesquisador a definir com melhor exatidão quais situação são mais passíveis de serem impolidas. Entretanto, por mais que as fórmulas ajudem nessa aferição, elas não são integralmente definidoras do fenômeno, pois funcionam como pistas, logo, é necessário sempre a análise do contexto e das percepções dos interactantes para melhor definir o fenômeno e o conceito.

Em seguida, é realizada uma retomada bibliográfica sobre a origem dos estudos *queer* e aborda-se os conceitos teóricos gerais que fundamentam a área. Feito isso, é implementada uma subseção para tratar do que seria a linguística *queer*, tendo em vista o seu surgimento, que deriva da teoria *queer*, os pesquisadores mais influentes do campo,

e o aparato teórico-metodológico da linguística *queer* adotado para as análises da pesquisa.

3.1 Estudos da (Im)polidez

Na tentativa de fazer uma contextualização dos estudos da (im)polidez, é imprescindível, primeiramente, abordar a polidez linguística. Ela tem seu início no trabalho de Lakoff (1973, p. 34), em que a polidez é considerada como “um sistema de relações interpessoais desenvolvido para facilitar a interação minimizando o potencial para o conflito e confrontação inerentes a todos intercâmbios humanos”.

Dessa maneira, a polidez em linguística teve seu nascimento dentro das teorias pragmáticas da linguagem. Uma vez que o fenômeno é explicado a partir das máximas conversacionais de Grice (1975), que integram o Princípio Cooperativo (PC): quantidade, qualidade, relevância e modo. Entretanto, para Lakoff essas máximas só funcionam em situações ideais de interação, pois na realidade elas estão sempre sendo desrespeitadas, por conta do Princípio da Polidez (PP). Assim, em situações em que a clareza é predominante, o PC de Grice é respeitado, no entanto, em situações em que o falante considera o status dos ouvintes, o PP é o que mais aparece. Então, o PP seriam três máximas desenvolvidas pela autora, que consistem em: não imponha, dê opções, faça o ouvinte feliz.

Nesse sentido, segundo Eelen (2001), Brown e Levinson (1897), os autores mais conhecidos nos estudos da Polidez, fazem uma tentativa metodológica no sentido de universalizar a análise da polidez e, assim, vão entendê-la por duas ideias centrais: relacionalidade e face. A primeira ideia pensa a polidez como o uso de estratégias para atingir objetivos pessoais, já a segunda ideia se define por dois desejos que se complementam, a face positiva (o desejo de ser desimpedido ou livre) e a face negativa (o desejo de ser aceito).

Por isso, para os autores, as estratégias de polidez são usadas para evitar conflitos, já que os atos de falas, majoritariamente, provocam ameaças às faces dos falantes. Mesmo que a proposta da ideia de estratégias de polidez tenha sido inovadora, na época de sua publicação existiam críticas de imediato. Como, por exemplo, a falsa ideia de que as estratégias fossem tomadas de maneira consciente. Também segundo Barros (2017), outra

crítica comum a esse modelo é de que ele se trataria mais de uma teoria da mitigação de faces do que uma teoria da polidez. Então, em 1987, os autores fizeram uma reformulação da teoria considerando essas críticas.

Seguindo essa lógica, os autores criam duas categorias, sendo elas: estratégias de produção e super estratégias. A primeira diz respeito às materializações linguístico-discursivas, por exemplo, demonstrar cooperação, ser indireto, ser vago ou ambíguo. A segunda categoria são as macroestratégias que guiam as escolhas linguísticas específicas dos falantes, tais como: polidez positiva, polidez negativa e *off record*.

Outro autor que segue essa mesma perspectiva no estudo da polidez é Leech (1983), pois trabalha com a ideia do Princípio da Polidez e de máximas conversacionais. Ou seja, para Leech o uso de estratégias de polidez é no sentido de maximizar a polidez e minimizar a impolidez. No entanto, essas abordagens (Lakoff, 1973; Brown e Levinson, 1987; Leech, 1983; Gu, 1990) receberam diversas críticas por serem mais universalistas e por darem uma maior ênfase ao falante, como se ele unicamente fosse responsável pela polidez ao manobrar estratégias de polidez, deixando de lado todo o contexto interacional ou mesmo cultural envolvido nas relações de (im)polidez na sociedade.

Em vista disso, é importante pontuar uma segunda abordagem dos estudos da (im)polidez¹ que considera justamente essas relações interacionais e conversacionais que foram pouco vistas pelos autores anteriores. De toda forma, frisamos que, assim como coloca Barros (2017), todas as abordagens nos estudos da (im)polidez são mais complementares que antagônicas, dependendo do objeto de estudo e do gênero e domínio discursivo em que o objeto se insere, uma abordagem pode ser mais frutífera que outra.

Portanto, Spencer-Oatey (2002) propõe que é preciso levar em consideração o contexto social e psicológico em que ocorre o fenômeno da (im)polidez, observando as motivações por trás das relações interpessoais envolvidas na interação. Uma vez que a autora entende a (im)polidez como “julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos verbais e não verbais” (SPENCER-OATEY,

¹ Entendemos o termo (im)polidez, com o prefixo entre parênteses, segundo a definição de Spencer-Oatey (2005, p.97): “um termo guarda-chuva que cobre todos os sentidos avaliativos (por exemplo, afetuoso, amigável, respeitoso, cordial, insolente, agressivo, rude). Esses sentidos podem ter uma conotação positiva, negativa ou neutra, e os julgamentos podem impactar as percepções das pessoas de suas relações sociais e de boa convivência ou (des)harmonia que existe entre elas.

2005, p. 97). Isto é, com essa nova categorização do conceito, a lente para a análise do fenômeno vai além de um panorama apenas pragmático da linguagem, dando foco ao processo interacional, que também observam questões culturais inerente às deliberações sobre se um comportamento é polido ou não, desvelando também a necessidade de olharmos para os construtos sociais numa cultura, como as normas sociais compartilhadas ou não pelos interactantes numa determinada situação.

Sob essa ótica interacional, outro conceito que nos ajuda a entender como essas percepções funcionam, é o enquadre de Goffman (1974). O autor propõe que esses enquadramentos interacionais são formatos interpretativos, isto é, situam as metagens contidas nos enunciados, apontando para como interpretamos o dito. Por sua vez, os enquadres funcionam também como geradores de expectativas de comportamento, que influenciam diretamente as percepções dos comportamentos como polidos ou impolidos, por exemplo.

Outro ganho dessa segunda abordagem é que ela não invalida as anteriores, como bem situa Barros (2017, p. 365):

O mérito maior de um modelo desse tipo é permitir detalhar processos interacionais envolvidos na negociação das faces e dar conta das bases das percepções dos interactantes, já que a polidez não é inerente ao texto, mas uma atribuição dos envolvidos.

Nesse sentido, os conceitos de polidez e impolidez não são vistos de maneira dicotômica, como sendo a impolidez o outro lado da polidez, mas são entendidos num contínuo de um espectro. Essa abordagem consegue ser mais eficiente justamente por trabalhar com ambos fenômenos, configurando, assim, um panorama de análise que faz jus à natureza fluida dos fenômenos.

Fraser e Nolen (1981) também corroboram com esse entendimento interacional da polidez, pois vão postular o que chamamos de contrato conversacional, esse contrato versa sobre os direitos e obrigações que os interactantes esperam entre si em uma interação e, dessa forma, a determina. Esse contrato também é aberto e variável, uma vez que ele pode e é negociado no curso da interação.

Para ser polido, então, é preciso respeitar os termos do contrato conversacional, e para ser impolido é preciso então transgredir esses mesmos termos. Ou seja, muito mais do que apenas usar de estratégias de preservação de faces ou de polidez, ser polido é

respeitar as condições deste contrato nas interações no sentido de ir de acordo com os comportamentos esperados nessas relações interpessoais. Isso quer dizer que, tanto para Spencer-Oatey (2005) como para Fraser e Nolen (1981), a polidez não tem sua natureza em características estritamente co-textuais dos enunciados, mas nos comportamentos e percepções destes dentro do contrato conversacional.

Outra abordagem dos estudos da (im)polidez procura pensar como as questões sociodiscursivas e culturais são passíveis de análise. Dessa forma, Blum-Kulka (2005) vai observar que as normas culturais são centrais no trabalho com as faces já que as estratégias de preservação de faces mudam de acordo com a cultura. Assim, há escolhas linguísticas que são estratégicas e outras obrigatórias, a última retrata as convenções culturais.

À vista disso, Ide (1989) demonstra como o uso do honorífico em japonês é um uso de polidez convencionado pela cultura. Ela argumenta que as escolhas relacionadas a formas de endereçamento não são arbitrárias, mas sim reflexos da idade ou posição social do falante na sociedade. Isso resulta no estabelecimento de regras gramaticais claras, as quais, segundo a autora, surgem da cristalização de normas culturais na língua.

Outro importante autor nessa mesma perspectiva é Watts (2003) que postula o conceito de comportamento político. Sendo este o comportamento esperado no sentido de manter um equilíbrio nas relações sociais entre indivíduos dentro de uma sociedade, o que não se confunde com a polidez, visto que a polidez é estratégica, há um esforço para que ela aconteça, por exemplo, uso de cumprimentos, formas de tratamento, etc.

Todas as críticas feitas aos modelos clássicos (Lakoff, 1973; Brown e Levinson, 1987; Leech, 1983) contrariam a ideia de uma noção universal da polidez. As novas abordagens vão direcionar o olhar para a sociointeração e sua relação com as convenções sociais situadas. Por isso, Mills (2011, p.26) vai apontar para uma virada discursiva com tendência pós-moderna nos estudos da área, partindo da crítica à dependência dos atos de fala, no modelo universalista de Brown e Levinson (1897) e todas as consequências disso. Nas palavras dela:

Houve uma virada discursiva nas pesquisas sobre polidez. Com isso, quero dizer que os teóricos não estão mais satisfeitos em analisar a polidez e a impolidez como se elas fossem realizadas por meio do uso isolado de expressões e sentenças. Está claro que a polidez e a impolidez são, além de outras coisas, julgamentos sobre fenômenos

linguísticos, e julgamentos são normalmente constituídos em uma série de turnos ou até mesmo em maiores porções de interação. Além do mais, os estudiosos que se utilizam de uma abordagem discursiva normalmente estão preocupados com questões de contexto. Portanto, os teóricos discursivos não focam na polidez no nível das expressões ou sentenças e não assumem que a polidez em algum sentido é inerente às palavras empregadas no discurso.

Apesar dessas abordagens discursivas não estabelecerem um grupo teórico fechado, pois muitas teorias do discurso se contrapõem em seu surgimento, conceitos e focos de análise, há diversas correspondências entre elas. Como aponta Haugh (2007), essas abordagens não se pretendem preditivas ou universais, mas focam nos processos discursivos e análise situacional e contextual dos episódios (im)polidos.

É possível perceber mais detalhadamente outras similaridades dessas abordagens em Mills (2007). A autora elenca três características comuns: o fenômeno não é intrínseco aos enunciados, há grande interesse nas relações sociais e interpessoais que comungam da (im)polidez e seu potencial nas construções de identidades na interação, e, por último, há princípios metodológicos compartilhados, com foco na análise do contexto e das percepções de (im)polidez.

Isto posto, Segundo Eelen (2001), é possível estabelecer duas categorias de estudos da (im)polidez: Polidez 1 e Polidez 2. A primeira estuda como os falantes comuns entendem o que é (im)polidez. A segunda advém do constructo teórico — do ponto de vista dos analistas — para pensar que estruturas e estratégias discursivas são polidas ou não.

Se assumirmos uma postura sociodiscursiva da análise da (im)polidez voltamos o olhar para a polidez 1. Isto é, nos preocupamos com as avaliações que os interactantes fazem dos comportamentos. Assim, para Haugh (2013) essas avaliações dizem respeito às práticas sociais que são estabelecidas em contextos interacionais específicos. Logo, corroboramos com Barreto-Filho (2019, p. 81) quando propõe que:

A questão da avaliação interessa de forma marcante a concepção deste trabalho porque, se compreendemos que a (im)polidez é um processo avaliativo e uma prática social, tal como defendem Eelen (2001) e Haugh (2013), devemos nos questionar, portanto, sob que critérios essas avaliações acontecem. Afinal de contas, todas as avaliações são feitas por meio de julgamentos com base em critérios.

Esse conceito nos é caro pelo fato de que os critérios por trás dessas avaliações de comportamentos (im)polidos podem nos revelar os constructos culturais e morais que

fundamentam violências e mesmo construções identitárias, levando em consideração o contexto, e as questões sócio-históricas em que se baseiam.

3.1.1 Impolidez em abordagem sociodiscursiva

Analisando a literatura no campo dos estudos sobre polidez e impolidez, é evidente que, por um longo período, a impolidez foi subestimada. Isso ocorreu devido à ênfase das abordagens pragmáticas da polidez, que consideraram a impolidez como uma violação do PP, conforme definido por Lakoff (1973). De acordo com o PP, os participantes das interações sempre buscam a harmonia. Como resultado, a impolidez não era considerada merecedora de pesquisa sistemática e detalhada, embora situações impolidas frequentemente se destaquem devido a conflitos, em contraste com as interações polidas, que são mais comuns. No entanto, ao longo do tempo, essa percepção tem mudado, com um aumento no número de estudos sobre impolidez, especialmente devido à consolidação das abordagens discursivas na área, que reconhecem a sistematicidade e complexidade das interações impolidas.

Blitvich (2010) e Culpeper e Hardarker (2017) destacaram o ano de 2008 como um marco na pesquisa sobre impolidez, devido ao significativo aumento na produção acadêmica sobre o tema. Embora Culpeper (1996) não tenha sido o pioneiro na pesquisa sobre impolidez, seu trabalho ganhou notoriedade ao afirmar o potencial científico desse fenômeno, argumentando que a impolidez apresenta padrões sistemáticos que justificam uma investigação científica rigorosa, de forma semelhante à polidez. Em 1996, Culpeper, em um primeiro momento, desenvolveu um modelo de estudo da impolidez que se assemelha ao modelo de Brown e Levinson (1987) para a polidez.

Enquanto o estudo da polidez enfatiza a proteção das faces dos interlocutores em busca da harmonia interacional, Culpeper (1996) argumentou que, em algumas situações, os participantes agem de maneira oposta, atacando a face de seus interlocutores, em vez de preservá-la. Isso representa uma mudança de paradigma, desafiando a visão de que as interações humanas são essencialmente polidas, promovendo a harmonia, e reconhecendo que, em alguns contextos, as interações são essencialmente impolidas, buscando o conflito e a discordância. Assim, a impolidez passa a ser reconhecida como um fenômeno complexo e importante por direito próprio, não apenas como o oposto da polidez.

3.1.1.1 Impolidez e Avaliatividade

Neste trabalho, apoiamo-nos numa abordagem sociodiscursiva da impolidez. Isto é, partimos da crítica ao trabalho de Brown e Levinson (1987), como apontadas por Mills (2011). Nos enquadramos, então, numa abordagem pós moderna, pois, principalmente, não entendemos a (im)polidez como algo universal. Em outras palavras, os pesquisadores que também se enquadram nessa abordagem entendem que é preciso uma análise da (im)polidez situada na interação, levando em consideração o contexto e as variáveis sócio-históricas.

Por isso, nos é caro o conceito de avaliatividade, visto que, como categoriza Eelen (2001), no preocupamos com a polidez (ou impolidez) 1: o fenômeno como ele é compreendido pelos interactantes, em detrimento da polidez 2, que é o esforço teórico dos acadêmicos em classificar estruturas e estratégias como polidas ou agressivas. Nesse sentido, Eelen (2011, p. 109) postula que:

Diariamente, a (im)polidez ocorre nem tanto quando o falante produz o comportamento, mas quando o ouvinte avalia o comportamento [...] a essência da (im)polidez está nesse momento avaliativo. Mesmo que haja ouvintes avaliando falantes, falantes avaliando a si próprios, ou informantes avaliando falantes hipotéticos ou enunciados, esse momento avaliativo sempre estará presente. De fato, na prática este parece ser o único jeito que a (im)polidez possa ser estudada. A avaliação é, portanto, a maneira primordial de ser da (im)polidez.

Tendo isso em vista, fica claro que nenhuma sentença ou construção linguística é naturalmente (im)polida (FRASER E NOLEN, 1981), mas é no uso linguístico, na interação e, especialmente na avaliação das percepções dos interactantes, considerando aspectos contextuais, que se faz possível analisar a (im)polidez de maneira completa e adequada. Diante disso, Watts (2003) alega que mesmo que algumas expressões costumam frequentemente estarem relacionadas à polidez, como cumprimentos, formas de tratamento e elogios, estas não implicam necessariamente num esforço do falante para tornar o discurso polido. Em vez disso, essas expressões são consideradas práticas socialmente esperadas na interação humana cotidiana, sendo consideradas comportamentos políticos ou uma forma de polidez não explicitamente destacada.

Nesse mesmo viés, Spencer-Oatey (2002) propõe a ideia de que a (im)polidez pode ser entendida como um julgamento social, que se manifesta por meio de processos avaliativos conduzidos pelos envolvidos na interação. Em razão disso, é fundamental que os pesquisadores usem (etno)metodologias específicas, como relatos, análise direta de interações, como no nosso caso, ou entrevistas, pois essas possibilitam capturar as

percepções dos participantes sobre a adequação de um comportamento linguístico como polido ou impolido.

Em relação à avaliação dos discursos, Haugh (2013) sugere que a avaliação da (im)polidez emerge da interconexão entre os significados pragmáticos e a ordem moral. Ele propõe, assim, uma análise dessas avaliações por meio de uma abordagem com base etnometodológica, que considera não apenas a relação entre o falante e o ouvinte, mas ainda os papéis que estes desempenham na interação.

É nesse conjunto de semelhanças entre diversas teorias discursivas, que chamamos de abordagem sociodiscursiva da (im)polidez, que esta pesquisa se baseia para investigar os processos discursivos subjacentes às práticas sociais situadas. Logo, não pretendemos estabelecer critérios prescritivos sobre o que é a (im)polidez, no sentido de uma teoria universal do fenômeno. Mas, melhor, pretendemos entender por quais critérios as pessoas avaliam o que consideram como impolido e o que fundamenta, em termos de moralidade, as suas percepções.

3.1.1.1.1 Rapport, face e ofensa, direitos societários e intencionalidade e emoções

Por conseguinte, na análise da impolidez há a necessidade de aliarmos os aspectos co-textuais, verificar se há a presença das fórmulas convencionalizadas de impolidez, e os aspectos contextuais, e observar como é gerido o *rapport*². Para Spencer-Oatey (2000, 2002 e 2005), apesar dos estudiosos da (im)polidez ainda não concordarem em um conceito do que o fenômeno é, todos concordam que ele tem a ver com o gerenciamento de relações interpessoais harmônicas ou conflituosas.

Logo, a percepção dos interactantes é de extrema relevância para a manutenção do *rapport*. A autora então aponta três chaves que baseiam o *rapport* e suas interrelações: expectativas de comportamento, sensibilidades da face e desejos interacionais. As expectativas comportamentais versam sobre os princípios de equidade e associação, ou seja, é a crença dos interlocutores de que eles devem ser tratados de forma justa e a crença de que eles têm direito a uma associação com outras pessoas no sentido de manter essa relação.

² Na falta de uma tradução direta para a palavra, decidimos manter o termo na sua origem, em inglês, que, segundo o dicionário de Cambridge, significa: “uma relação amigável em que as pessoas se entendem e se respeitam muito bem.”

Então, se considerarmos face, segundo Levinson (1987, p. 61), como “a autoimagem pública que cada membro deseja reivindicar para si mesmo”, as sensibilidades da face são justamente os valores que as pessoas clamam para si de maneira a construir suas identidades. Logo, dá-se privilégio a alguns valores em detrimento de outros, a depender do contexto, como ilustra Spencer-Oatey (2005, p.11):

Um novo professor pode particularmente reivindicar face para os aspectos próprios de “inteligência” e “competência” em um ambiente universitário e, portanto, ser especialmente sensível a quaisquer avaliações de estudantes ou colegas que possam desafiar essa reivindicação.

Em outras palavras, reivindicamos qualidades específicas para nossas faces a depender do contexto em que estamos e, ao mesmo tempo, os julgamentos de (im)polidez podem configurar ameaças às faces. Pois, essas qualidades que evocamos para nós precisam também ser ratificadas pelos outros interactantes numa dada sociedade, levando em consideração normas sociais e expectativas de comportamento.

A última chave apontada pela autora como base para o rapport são os desejos interacionais. Esse conceito aponta para o fato de que normalmente as pessoas têm objetivos bem definidos quando interagem, em consequência disso, esses objetivos podem afetar diretamente as suas percepções do rapport. Por exemplo, fechar um acordo financeiro, fazer uma boa apresentação oral em um evento, conseguir uma receita médica, etc. Esses propósitos geralmente têm a intenção de não só alcançar uma finalidade, mas também de administrar e manter as relações numa interação.

Na investigação do fenômeno da (im)polidez, a noção de face se mostra norteadora das diversas perspectivas teóricas. O trabalho seminal de Brown e Levinson (1987, p.61) por exemplo, conceitua face se baseando em Goffman (1967), como “a autoimagem pública que cada membro deseja reivindicar para si mesmo”. Entretanto, Goffman (1967, p.5) já estipula que o conceito de face não tem um aspecto apenas individualista, nas palavras dele:

O valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através do alinhamento que os outros presumem que ela adotou durante um contato específico. Face é uma imagem de si mesmo delineada em termos de atributos sociais aprovados.

Essa crítica ao individualismo do conceito de face é bastante presente nos trabalhos que analisam dados de línguas orientais (Liu, 1986; Matsumoto, 1988; Ide, 1989; Mao, 1994; Gu, 1990; Gao, 1996). Já que, se a face é uma autoimagem que depende dos valores sociais aprovados por outros numa dada sociedade, em sociedades consideradas mais coletivas (Hofstede, 1991), em que há uma preocupação maior com a aprovação social dos indivíduos, a face é tida como um atributo mais coletivo. Nessa perspectiva, Spencer-Oatey e Xing (2000), constatam que, num estudo de encontros de negócio entre chineses e britânicos, ambos se endereçam em termos de um grupo, mais do que em termos de necessidades individuais.

Dessa maneira, assim como Culpeper (2011), nos baseamos na proposta teórica de gerenciamento do Rapport criada por Spencer-Oatey (2000, 2002, 2005, 2007, 2008) para pensar os tipos de ofensa que envolvem face. Logo, a autora britânica recorre a Brewer e Gardner (1996), autores da psicologia social, para pensar a necessidade de distinguir esses três aspectos da representação pessoal, respectivamente: o nível individual, o interpessoal e o grupal ou coletivo.

Ela aponta que há três tipos de face: qualidade da face, identidade social da face e relacionalidade da face. A concepção de qualidade da face está relacionada ao nosso desejo de receber avaliações positivas de nossos interlocutores em relação às nossas características pessoais, como competência, habilidade e aparência. Em sequência, a identidade social da face se refere ao nosso anseio por reconhecimento e apoio em relação às nossas identidades e papéis sociais. E, finalmente, a relacionalidade da face se concentra nas dinâmicas entre os participantes de uma interação, considerando questões de proximidade, distância, igualdade e desigualdade, bem como a forma como esses elementos são negociados na interação.

Quadro 3 – Categorias de análise

CATEGORIAS PARA AS ANÁLISES DOS DADOS			
Face	Direitos societários	Intencionalidade	Emoções
Face qualitativa	Direitos de igualdade	Intenções <i>a priori</i>	Indício de harmonia (demonstração de “sentir-se bem”)
Face de identidade social	Direitos de associação	Intenções <i>post-facto</i>	
Face relacional	Normas sociais (subjazem os tipos de direitos)	Intenções coletivas (<i>we-intentions</i>)	Indício de desarmonia (demonstração de “sentir-se mal”)

Fonte: retirado de Santana (2022) com base em Spencer-Oatey (2002; 2005) e Culpeper (2011).

O trabalho analítico com as faces na interação é de extrema importância para a análise da (im)polidez, pois é a partir das relações das faces numa interação que os interactantes podem perceber um comportamento como (im)polido, além do uso dos indexadores de impolidez, tais como, os usos das fórmulas convencionalizadas de impolidez. Assim, esse panorama teórico consegue se afastar das teorias clássicas e universalistas da (im)polidez e também ir além de análises estritamente contextuais, fazendo com que tenhamos um aparato que compreenda de maneira completa a dinamicidade do fenômeno aqui estudado.

Além das situações de (im)polidez que envolvem o trabalho de faces, os direitos societários também se configuram como motivadores dessas situações. Assim, Culpeper (2011), aponta três aspectos que são norteadores no entendimento do conceito de direitos societários, sendo eles: racionalidade e interesse próprio, hábitos, e deveres societários.

A racionalidade e o interesse próprio não são convenções sociais ou normas propriamente, pois, numa interação as pessoas já esperam que todos tenham isso em mente e negociem levando isso em consideração. Isso serve para ilustrar que nem sempre agimos com racionalidade ou pensando no custo-benefício de nossos atos numa interação, até porque, no caso específico de uma situação de impolidez, também somos guiados por emoções negativas, como raiva, ódio e medo.

Sobre hábitos, é possível pensarmos que a repetição de comportamentos pode se tornar hábitos e vir a criar uma norma social. Se pensarmos que numa sala de aula de ensino básico, os alunos têm seus lugares marcados por força do hábito, e uma vez que

alguém senta no lugar errado de um colega esse ato pode ser visto como impolido, pois houve quebra do hábito, da expectativa desse hábito e, por assim dizer, daquela norma social situada.

Por fim, temos os deveres societários. Eles são convenções sociais, como postula Anderson (2000, p.17) “um padrão de comportamento compartilhado por um grupo social, comumente entendido por seus membros como autoritário ou obrigatório para eles”. Agora o foco se desloca do individual para o grupo, podemos dizer que esses deveres societários também configuram como expectativas de comportamento. A quebra ou obediência desses deveres caracteriza um ato polido ou impolido.

Por esse ângulo, há uma relação direta entre as normas sociais e as ideias de justiça e moralidade. Culpeper (2011), citando autores da psicologia social (Adams 1965; Gouldner, 1960 ; Deutsch, 1975) destaca três tipos de normas sociais que obtiveram a atenção destes pesquisadores: (i) A norma social de equidade traz a ideia de que as pessoas têm direito à mesma quantidade e “esforço” que colocam numa dada situação, (ii) A norma social de reciprocidade traz a ideia de que o mesmo tipo de comportamento que recebemos dos outros nós devemos retribuir (positivo ou negativo) e, por fim, (iii) a norma de responsabilidade social traz a ideia de que aos mais necessitados deve ser disponibilizado uma proporção maior dos recursos ou recompensas.

Sobre esses três aspectos, Culpeper (2011, p.37) postula que “Todas estas três normas sociais sustentam o sentido de justiça das pessoas. Há uma conexão importante aqui com a moralidade. Violar a justiça é uma questão de ser imoral.”. Portanto, normalmente, mas não sempre, a quebra de normas sociais leva a percepção de falta de moralidade, pois quebra a ordem moral das expectativas sociais. No entanto, se dentro dessas expectativas sociais a quebra da norma social é vista como justa, ela então não leva a um senso de imoralidade, uma vez que o que parece preponderante dentro dessas percepções é a ideia de equidade/justiça.

Ademais, é importante frisar que a ideia de moralidade tem relação com a ideia de face. Se observarmos casos de polidez, manter a face do seu interlocutor em uma interação é bastante desejável e de interesse mútuo (Brown e Levinson, 1987; Goffman, 1967), pois, de outro modo, a interação representaria um ataque à face, um caso de impolidez. Todavia, há um lado negativo da noção de reciprocidade. Como apontado por

Culpeper (2011, p. 38) “se alguém é atacado verbalmente (ou mesmo se alguém apenas pensa que foi atacado verbalmente), as pessoas sentem-se justificadas em retaliar.”, em outras palavras, às vezes a ordem moral é quebrada pelo senso de justiça e reciprocidade, de maneira a criar uma nova ordem moral, com outras normas sociais, para justificar as ações num contexto específico, aqui, nos casos de impolidez.

A conexão entre impolidez e normas sociais está relacionada às expectativas da sociedade e reflete as preocupações das pessoas com questões de justiça, consideração e adequação de um comportamento. Nesse contexto, Culpeper (2011) emprega três tipos de normas sociais, que são denominadas igualdade, associação e tabu. A norma de igualdade envolve o anseio das pessoas por serem tratadas de maneira justa, isto é, desejam não ser exploradas ou objeto de vantagens indevidas. Enquanto isso, a norma de associação é caracterizada pelo desejo das pessoas de se envolverem em interações empáticas e respeitadas umas com as outras. Isso implica na obrigação de manter um nível semelhante de respeito e empatia, como, por exemplo, respeitar o turno de fala do outro. E, afinal, a norma social tabu se refere a uma questão de convenção social. Isto ocorre quando um participante da interação apresenta comportamentos que afrontam às normas morais ou éticas de outro participante.

Conseqüentemente, é imprescindível que as pesquisas que se preocupam com a impolidez busquem verificar a relação entre o trabalho de face e as normas sociais. Posto que as percepções de impolidez derivam diretamente dessas duas noções. Então, é preciso visar entender quais são os critérios que fundamentam essas percepções, de maneira a observar, por exemplo, que questões de ordem moral aparecem nessas situações, considerando os sistemas de crenças ou ideologias concernentes à organização social.

Os conceitos de emoções e sentimentos são normalmente usados para definir o que é a impolidez, por isso, faz-se necessário observar como esses conceitos são definidos na literatura e como podem ser profícuos na análise da impolidez. De início, iremos definir e relacionar o conceito de intencionalidade e intenções, explorando também o que se sabe de sua relação com o fenômeno aqui estudado.

A noção de intencionalidade sempre foi uma questão polêmica nos estudos pragmáticos, visto que a própria noção de língua e sujeito da pragmática clássica considera os sujeitos como indivíduos ativos, ou seja, que são agentes no uso da língua,

de maneira estratégica, isto é, intencional, muitas vezes no sentido de atingir objetivos pessoais (Haugh, 2008). Assim, as propostas tradicionais dos estudos da polidez já reconheciam o papel da intenção como determinadora no entendimento da polidez, visto que, baseados em Grice (1989), Brown e Levinson (1987) e Leech (1983) reconhecem existir intenção *a priori* na mente dos indivíduos antes de usarem estratégias de polidez.

Entretanto, ainda segundo Haugh (2008), esse modelo comunicativo é bastante contestado devido à sua ênfase em estratégias comunicativas consideradas pouco dinâmicas. Pois, ele negligencia a situação imediata de uso e não leva em conta as vontades coletivas ou as intenções de grupo (*we-intentions*). Uma opção a ser considerada em relação a essa abordagem comunicativa está se tornando evidente por meio de pesquisas que adotam uma perspectiva mais centrada na interação social e cultural, exemplificada pelo trabalho de Duranti (2006). Nessa visão, a intencionalidade assume um papel menos relevante na comunicação, onde as "intenções" são comparadas à "direcionalidade" que a interação naturalmente assume, é negociada e está ligada ao tópico discursivo, convertendo-se no conceito de "aboutness".

Logo, consentimos com Culpeper (2011) no que considera a intenção com um constructo "post-facto", que leva em conta as quebras de normas sociais e outros problemas interacionais e não deixa de lado o aspecto apriorístico da intenção. Dado que, muitas vezes, interactantes explicam e avaliam a interação usando a intenção como um critério que apoia suas percepções.

Assim como a intencionalidade é normalmente usada como critério na definição de impolidez, a mesma coisa acontece com as definições de agressão. Estudos da psicologia social e da comunicação social (Carlson et al, 1989; Ohlbuchi e Kambara, 1985; Leary et al, 1998; Stamp e Knapp, 1990; Vangelist e Young, 2000) mostram que comportamentos agressivos são considerados mais ofensivos se notados como intencionais.

Nos estudos da (im)polidez, a intencionalidade é bastante importante, mais ainda nas abordagens que consideram as percepções dos indivíduos como definidora do conceito de impolidez. Como coloca Culpeper (2011, p.50) "As pessoas utilizam uma compreensão das intenções e intencionalidade em seus julgamentos, incluindo seus julgamentos de um comportamento potencialmente impolido" Assim sendo, entendemos

as intenções, também segundo Gibbs (1999), como dinâmicas e como propriedades emergentes de interações. Diante do exposto, é necessário ressaltar que a intenção, mesmo que tenha um papel proeminente nas percepções das pessoas do que é impolidez, não é condição essencial para verificar a impolidez.

Conseqüentemente, as emoções também são outro aspecto importante no entendimento da (im)polidez. A propósito disso, Culpeper (2011) vai postular que as pessoas julgam uma situação de impolidez por qual motivo ela aconteceu e de que maneiras elas se sentiram naquele momento, o que pode variar também em grau. Dessa forma, o autor propõe que:

Um modelo de impolidez precisa vincular, minimamente, linguagem, situações, julgamentos de impolidez e as emoções específicas associadas à impolidez. A avaliação, isto é, a interpretação, é crucial: como senão uma brincadeira será reconhecida como brincadeira?

Além disso, como Culpeper e Hardaker (2017) argumentam, a impolidez está associada às emoções negativas, como raiva, vergonha e humilhação. Portanto, é crucial utilizar instrumentos metodológicos, como relatos, questionários e entrevistas, para promover a reflexão dos participantes sobre as situações de impolidez vivenciadas.

Nesse caso, Conway e Bekerian (1987) e Tannen e Wallat (2002) nos apresentam evidências de que as emoções podem ser descritas em termos de modelos mentais, o que nos ajuda a entender como crenças, causas, sentimentos, desejos, tom de voz e expressões faciais constroem como interpretamos as emoções nas nossas mentes. E enquanto modelos mentais, eles têm relação direta com ideologias (van Dijk, 2008) e, portanto, com as noções de moralidade e normas sociais.

Como resultado, Culpeper (2011) preconiza que a impolidez é uma atitude desencadeada por comportamentos específicos, que ocorrem em contextos particulares. Essa atitude pode ser entendida como um esquema mental de atitude, pois são compostas de crenças avaliativas (van Dijk, 1987). Esses esquemas de atitude são associados com esquemas de emoção, que incluem informações pré-contextualizadas, respostas comportamentais, como a expressão de emoções, e estratégias de autorregulação. Se pensarmos nessa compreensão ampliada das emoções, a expressão de emoções, por exemplo, as pessoas relatando como se sentem com algo que foi dito pelo outro, podem ser concebidas como "indícios de harmonia" e "indícios de desarmonia". E essas

demonstrações frequentemente ocorrem de maneira estratégica e com certo grau de autoconsciência.

3.1.1.1.1 Fórmulas convencionalizadas da impolidez

Posteriormente, Culpeper (2011) abandona a compreensão sobre as estratégias de impolidez por entendê-las preditivas e dedutivas, e coloca seus esforços teóricos na elaboração das fórmulas convencionalizadas de impolidez. Para isso, realizou uma extensa análise de interações impolidas, incluindo programas de televisão sensacionalistas, treinamentos militares e atos de vandalismo. Além disso, coletou dados por meio de questionários auto reflexivos respondidos por mais de 150 estudantes universitários britânicos, pois resultam de análises indutivas de interações reais.

A partir dessa pesquisa abrangente, Culpeper (2011) sugere uma análise que considera as expressões convencionalizadas de impolidez (ou seja, as expressões linguísticas associadas à impolidez), juntamente com análises do contexto em que ocorrem. Inspirado na perspectiva de Terkourafi (2005) sobre a polidez, Culpeper (2011) define as expressões convencionalizadas de impolidez como expressões linguísticas que se tornam convencionais na língua e têm seus significados cristalizados em contextos específicos, um conceito apoiado por análises estatísticas, como demonstrado por Terkourafi (2005).

Quadro 4: Fórmulas Convencionalizadas da Impolidez

Fórmulas Convencionalizadas de Impolidez	Exemplos
Insultos (vocativos negativos personalizados)	Seu idiota
Insultos (afirmações negativas personalizadas)	Você é uma puta
Insultos (referências negativas personalizadas)	No seu cu
Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)	Aquela tapada
Crítica/reclamação acentuada	Isso tá uma merda

Desafio, perguntas ou pressuposições desagradáveis	Por que você faz a minha vida impossível?
Arrogância	Você está sendo infantil
Reforços de mensagens	Escuta aqui!
Dispensas	Vai se foder (no sentido de sai daqui)
Silenciadores	Cala tua boca
Ameaças	Eu vou dar um tiro na porra da tua cabeça se tocar no meu carro
Maldições e maldizeres	Vá tomar no cu

Fonte: retirado de Culpeper (2011 p. 135-136) e traduzido por Barreto Filho (2019 p. 85-86)

Essas fórmulas vieram de uma análise extensiva de corpus em língua inglesa, mas têm sido igualmente usadas em análises de dados de língua portuguesa (e.g. BARRETO FILHO et al, 2019a; BARRETO FILHO, 2019b; BARRETO FILHO E BARROS, 2021; BARRETO FILHO E RODRIGUES, 2022; BARRETO FILHO E FERNANDES, 2023).

No entanto, é válido salientar que as fórmulas convencionalizadas de impolidez não têm um fim em si mesmas. Dado que elas funcionam como pistas contextuais de que é possível haver impolidez, mas, para uma análise apropriada da impolidez é preciso sempre observar o contexto e os comentários metadiscursivos, seja em interações ou em relatos, já que nossa compreensão da impolidez depende das percepções dos participantes/interactantes na pesquisa.

4. CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DISSIDENTES E IDEOLOGIA

Os estudos das identidades precisam levar em consideração o fator ideológico inerente aos processos identitários, uma vez que um não acontece sem o outro. Dessa maneira, pretendemos nessa seção revisitar ambos conceitos e definir o que entendemos por ideologia e identidade.

No que concerne à impolidez, por exemplo, as escolhas linguísticas pelas marcas de impolidez usadas numa interação têm, muitas vezes, natureza ideológica, como também, cristalizam na língua insultos ideologicamente situados. Como exemplo, o uso

de insultos como: “filho da puta” e “sua vaca” que remetem à ideologia machista de que mulheres que têm uma vida sexualmente ativa ou não têm um parceiro fixo são categorizadas como “putas” ou “vacas”. No âmbito da política, Barreto-Filho e Rodrigues (2022) já apontam que insultos como “petralha” e “gado” se baseiam em oposições ideológicas de grupos que se identificam como esquerda ou direita.

Tendo isso em vista, conceituamos ideologia como um conjunto de crenças socialmente compartilhadas entre um grupo (Van Dijk, 1998). Essa concepção mais geral de ideologia está totalmente relacionada à concepção de poder, já que há ideologias mais validadas socialmente que outras, o que leva igualmente às imposições ideológicas de grupos socialmente mais aceitos e privilegiados que outros, como é o caso do machismo, racismo e lgbtfobia.

No entanto, mesmo os grupos marginalizados ideologicamente produzem e compartilham crenças e ideologias próprias, até como uma maneira de se reconhecerem enquanto um grupo específico, ou comunidade de prática. O que também abre espaço para subversões ideológicas, como no caso do termo “bicha” no Brasil ter sido ressignificado como algo positivo pela comunidade LGBT brasileira, o caso do termo “*queer*” nos EUA, que também foi ressignificado com o mesmo intuito, e o termo “vadia” ressignificado pelo movimento feminista e LGBT, que criou até mesmo uma marcha – marcha das vadias - em defesa do termo.

Logo, concordamos com Blitvich e Sifianou (2017, p. 232) quando afirmam que as abordagens linguísticas da identidade, mesmo que variem, “compartilham a noção de que as identidades são adquiridas e desenvolvidas na interação e realizadas discursivamente”. Isto é, há um fator fluido e processual nesse quesito que nos faz perguntar, então, como é possível identificar e classificar as identidades?

É nesse sentido que Baker e Galasinski (2001) nos ajudam a responder à pergunta acima, ao apontar que as identidades são mais ou menos estáveis, pois é preciso considerar as práticas sociais de grupos identitários e seus comportamentos previsíveis. Então, é a partir da repetição regular de índices identitários que podemos determinar como as identidades sociais são construídas discursivamente.

Em vista disso, Wodak (2011) aponta três princípios básicos para a conceptualização das identidades:

- As identidades são sempre (re)criadas em contextos específicos. Elas são coconstruídas em relações interativas, são normalmente fragmentadas, dinâmicas e mutáveis – todas as pessoas têm múltiplas identidades.
- A construção de identidades sempre implica processos de inclusão e exclusão, por exemplo, a definição de SI MESMO e dos OUTROS.
- As identidades que são coletivas ou individuais, nacionais e transnacionais são também (re)produzidas e manifestadas simbolicamente. (WODAK, 2011 p. 216)

Assim, a autora ratifica o caráter relacional das identidades, chamando atenção para: a necessidade do outro para o estabelecimento de uma identidade, a dinamicidade das interações no que concerne a co-construção das identidades pelos interactantes, e a necessidade da linguagem na manifestação das identidades.

Dentro dessa mudança no entendimento das identidades de uma categoria fixa/biológica à uma categoria discursiva, Butler (1990) descreve gênero como um verbo, pois gênero é uma ação. Dessa maneira, Chalupnik et al (2017) estabelece que há expectativas de comportamentos para que os sujeitos performem suas identidades, isso tem relação direta com avaliações e julgamentos sobre o que é polido e impolido, já que essas performances são generificadas e mais ou menos aceitas pelos falantes baseados nas categorias de gênero que se identificam. Ou seja, existem ideologias de gênero que interpelam o discurso e contrastam com as práticas linguísticas.

Assim, Mills (2003), inspirada por Eelen (2001), propõe que tanto gênero como (im)polidez são categorias naturalmente discursivas, desenvolvendo uma abordagem socioconstrucionista de ambos fenômenos, que foca na análise de contextos específicos de uso. A autora parte também do paradigma de Comunidades de Prática, criado por Eckert e McConnell-Ginet (1992) para estipular que:

os hipotéticos estereótipos do comportamento feminino e masculino obviamente desempenham um papel na produção do que os participantes consideram apropriado ou inapropriado no discurso. No entanto, as decisões sobre o que é apropriado ou não são decididas estrategicamente dentro dos parâmetros da comunidade de prática e dentro do curso da interação, em vez de ser decidido por cada indivíduo de uma vez por todas. (Mills 2003, p. 235)

E é tendo isso em vista que Chalupnik et al (2017) aponta que aspectos das identidades sociais, como o gênero, e os sentidos sociais atribuídos às práticas linguísticas, como a (im)polidez, são produtos de processos avaliativos sociais situados.

Daí a necessidade de observar os dois fenômenos de maneira discursiva e situadas localmente, como no caso das interações online observadas nesta pesquisa. Logo, trabalhos futuros que façam uma relação entre identidades sociais, gênero e (im)polidez são necessários para desconstruir premissas essencialistas e dominantes sobre como conceitos de gênero são produzidos, reproduzidos e avaliados nas interações.

4.2 Teoria *Queer* e Linguística *Queer*

*4.2.1 Teoria *Queer**

Antes de pensarmos sobre a teoria *queer*, é importante contextualizar de onde esses estudos partiram, ou seja, o campo dos estudos de sexualidade e gênero e de que maneira o *queer* rompe com esses estudos e os avança no melhor entendimento do que seriam a sexualidade e o gênero.

Sendo assim, esses trabalhos têm sua origem na década de 1960, em meio a contracultura, movimentos sociais, especialmente de gays e lésbicas, e no feminismo da segunda onda. Em sua diversidade, esses movimentos tinham algo em comum, demandas críticas com relação a ordem sexual vigente, isto é, iam além das demandas de redistribuição econômica, já conhecida pelo movimento dos trabalhadores, pois apontavam o caráter político do privado e concebiam a desigualdade para além do econômico (Miskolci, 2012).

Assim, as problemáticas relativas ao corpo, o desejo e a sexualidade eram colocados de lado e, dessa maneira, as relações de poder presentes nessas questões também ficavam à margem. Então, um dos objetivos desses grupos e estudiosos era dar vazão aos tópicos apontados anteriormente e desassociar a sexualidade da reprodução e o gênero do biológico. Teoricamente, a origem da teoria *queer* é dispersa, mas é fundada, inicialmente, em obras como *O desejo homossexual* (1970), do pensador francês Guy Hocquenghem, *Pensando sobre sexo* (1984), da antropóloga feminista Gayle Rubin e *O que é a AIDS* (1987), do pesquisador argentino-brasileiro Néstor Perlongher.

Com a crise da epidemia da AIDS, nos Estados Unidos da segunda metade da década de 1980, o país vive um momento de choque de demandas sociais e inércia de políticas do Estado para combater o problema. Abrindo um terreno fértil para formas de

resistência que foram essenciais para os Estudos *Queer*, tais como o ACT UP e o Queer Nation. Pode-se separar em dois momentos os estudos de gênero e sexualidade, um antes da epidemia, que seguia uma linha menos ativista e talvez conformista com a ordem social vigente, e outro *queer*, reformista e extremamente ativista.

Nesse sentido, a palavra *queer* vem do inglês, que significa esquisito, estranho, excêntrico, ridículo. E era usada de maneira pejorativa, como um xingamento para corpos e sujeitos abjetos. Ser *queer*, segundo Kristeva (1982), é o sujeito abjeto que perturba o sistema, a identidade e a ordem. Logo, os movimentos da época se apropriam do *Queer* e o ressignificam de maneira a aceitar o que são e lutar contra as desigualdades vigente, daí vem o lema amplamente conhecido até os dias de hoje: “*we’re here, we’re queer, we’re not going anywhere*”, por exemplo.

Então, foi apenas na primeira década de 1990, que a teoria queer surge, inspirada pelo pós-estruturalismo francês e pelas teorias feministas, e começa a se espalhar em várias vertentes e áreas como a antropologia, a educação, a sociologia e, mais recentemente, a linguística. Por isso, nos dias de hoje, faz sentido falarmos em teorias *queer*, no plural (Lewis, 2018). Ainda, para Louro (2004, p.38-39):

queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.

Em vista disso, se o movimento gay e lésbico tradicional se preocupava em normalizar as pessoas homossexuais e representa-las como respeitáveis, aceitando os valores hegemônicos, o movimento *queer* critica esses valores, os entende como autoritários e preconceituosos, visto que fabricam a abjeção, as experiências de vergonha e estigma. Segundo Miskolci (2012, p.25),

o antigo movimento homossexual denunciava a heterossexualidade como sendo compulsória, o que podia ser também compreendido como uma defesa da homossexualidade. O novo movimento queer voltava sua crítica à emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da

rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo.

Dessa maneira, pode-se dizer que o movimento *queer* abraça desde os sujeitos mais aceitáveis socialmente, mesmo que esses nunca sejam totalmente aceitos nos modelos morais socialmente impostos, até os sujeitos menos aceitáveis, considerados mais abjetos e esquisitos. Segue abaixo um quadro que busca explicitar o espírito político *queer* e a clássica luta pró-homossexualidade.

Quadro 5

	Homossexual	Queer
Regime de verdade	Binário hétero-homo	Normal-anormal
Luta política	Defesa da homossexualidade	Crítica aos regimes de normalização
Perspectiva	Diversidade	Diferença
Concepção de poder	Repressora	Disciplinas/controlado

Fonte: retirado de Miskolci (2012).

Isto posto, a nova política *queer* leva em consideração as demandas feitas por esses sujeitos abjetos, buscando pensar a dinâmica das relações de poder de maneira estratégica, variável e local. Baseado em Foucault (1977[1975]), isso faz com que se deslize o olhar do poder institucional, que era visto apenas como seara das instituições, do Estado, do rei, para um entendimento do poder enquanto relacional, histórico e cultural. A partir desse deslocamento no olhar das problemáticas, outros sujeitos, como pessoas trans e travestis, que antes eram apagadas nos movimentos de gays e lésbicas, foram incluídas com suas demandas e ampliaram a análise sobre gênero e sexualidade.

Portanto, nessa mesma linha de raciocínio, é possível pensar, como coloca Butler (2003[1990]), numa nova política de gênero, que vai entender o gênero e a sexualidade como algo socialmente construído. Essa ideia é primeiramente apresentada no artigo de McIntosh (1968), intitulado O papel homossexual, mesmo já sendo um avanço, alguns trabalhos ainda ratificavam a homossexualidade como algo excêntrico, minoritário, e que precisava ser conhecido e respeitado. E é nesse ponto que a teoria *queer* diverge, pois, com o trabalho seminal de Butler (2003[1990]), a autora traz à baila algumas questões, como: repensar o binário hetero/homo, uma vez que se a homossexualidade é socialmente forjada, a heterossexualidade também. Ela também indica que a teoria *queer* é uma

vertente do feminismo, visto que fora inicialmente pensada por feministas, mas ajuda a expandir o feminismo, já que debate se o sujeito do feminismo é apenas a mulher, dado que entende o gênero como algo cultural, que está ao mesmo tempo dentro de homens e mulheres.

Apesar das diversas correntes teóricas que a teoria *queer* abarca, apenas em 1991 o termo “Teoria *Queer*” é cunhado por Teresa de Lauretis (1991), com o propósito de apontar as similaridades entre essas distintas pesquisas. Assim, é possível dizer, em termos gerais, que os estudos *queer* se preocupam em entender o processo de classificação que gera a abjeção, ou a experiência da injúria, em relação às identidades sexuais e de gênero, no sentido de revelar que normas sociais são impostas para justificar essas desigualdades dentro das sociedades.

Em adição, sem pretensão de fazer uma retomada extensiva de todos os trabalhos em teoria *queer*, faz-se ainda necessário apontar as bases da teoria *queer* que se encontram nos autores como Judith Butler, Michel Foucault e Paul Preciado.

De início, dentro do pós-estruturalismo francês, Foucault (1999) vai pensar, em termos gerais, de que maneiras os sujeitos concebem sua sexualidade. Baseado no conceito de “genealogia da moral” de Nietzsche, o autor francês vai cunhar o conceito de “genealogia da sexualidade”, que consiste em determinar o regime e poder-saber-prazer que baliza o discurso sobre a sexualidade humana. Então, ele busca evidenciar as materialidades discursivas e sua legitimação em relação com o sistema econômico, político e institucional.

Logo, é nesse meio discursivo e ideológico que são fabricados efeitos de verdade, mais especificamente políticas de identidades, que funcionam como mecanismos de poder (Oliveira, 2021). A isso, entendemos como o dispositivo da sexualidade, que atua de maneira criadora e repressiva ao mesmo tempo, pois tem como função controlar o prazer e os corpos. É justamente com isso em vista que Foucault vai afirmar que o sexo não é biológico, pois é constituído discursivamente obedecendo uma lógica estratégica do que pode ser considerado uma sexualidade aceitável ou não.

É nesse viés que o autor vai pensar no biopoder como as técnicas de controle das formas de viver. O que é possível ver nas práticas de instituições sociais como o governo, a ciência, a religião etc. Sobre essa gestão da vida e da morte, temos como exemplo as

políticas higienistas que traziam ideias de raça inferior e superior entre os séculos XIX e XX.

Dessa forma, a sexualidade é associada a doença mental, sendo passível de controle pelos juristas e psiquiatras. Acontece, portanto, a disciplinarização do corpo pelos “técnicos do desejo”, tudo o que fosse desviante do que era esperado como “regularidade sexual” era passível de ser condenado e afastado, abjeto da sociedade. Nesse processo, também acontece o que Foucault vai chamar de “docilização dos corpos”, ou seja, a imposição da “normalização da sociedade” pela vigilância e regulação através da medicina e de outros saberes, tais quais, a estatística, a economia, a demografia, em suma, os regimes de saberes.

Seguindo essa lógica da construção discursiva das identidades sexuais e de gênero, Butler (2003[1990]), em seu trabalho pioneiro, consente com a genealogia da sexualidade para pensar a estrutura discursiva que produz o entendimento do que pode ser gênero e sexualidade, mas também, se apropria dos conceitos de “suplementaridade” e “desconstrução” de Derrida (1973). A suplementaridade aponta para a relacionalidade dos significados, num processo de presença e ausência dentro de um sistema, ou coexistência, em outras palavras, os significados naturalizados são na verdade, historicamente construídos (i.e., as identidades sempre precisam do seu total oposto para serem definidas). Já o conceito de desconstrução é um procedimento que visa descortinar o implícito dentro de uma oposição binária, contesta a estrutura interna dos discursos, denotando os sintomas que são escondidos pelos enunciados.

É com esses conceitos que a autora americana critica as ideias feministas da época, com o intuito de refletir sobre as concepções de sexo/gênero e natureza/cultura. Por isso, ratifica o caráter discursivo do gênero, pois é a partir da repetição desses discursos de normas sociais que o gênero é produzido. No próprio evento de nascimento de um bebê, quando o médico ou alguém declara o “sexo” da criança, esse já um é evento generificado que determina os corpos humanos.

Com isso em vista, Butler vai pensar no gênero como ação, performatividade. Para tal fim, a autora feminista vai beber na Linguística, mais especificamente, na teoria dos atos de fala de Austin (1962), que divide os atos de fala em *constativos* - os atos de fala que descrevem, relatam ou constata algo - e *performativos* - os atos e fala que realizam

ações, sendo bem ou malsucedidos. Mais para frente, Austin desfaz essa distinção por considerar difícil fazer essa diferenciação, tendo em vista que descrever é igualmente uma ação., de modo que Butler reconhece que todos os atos de fala são performativos. Gênero, nas palavras de Butler (2003[1990]), seria

a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (p. 59).

Assim, gênero é entendido como uma ação, que advém de práticas discursivas, mas está aberta a ressignificações, não é uma identidade estável, aliás nenhuma identidade o é, pois é um processo de construção, que resulta em uma suposta naturalização com o passar da história. Consequentemente, Butler vai criticar a heterossexualidade compulsória presente na sociedade, já que ela vai entender como matriz heterossexual a estrutura de poder que naturaliza os corpos, gêneros e desejos.

Isto posto, a autora argumenta que as travestis e *drag queens* são exemplos de subversões de modelos de gêneros tidos como verdadeiros, já que representam irregularidades entre prazeres sexuais e partes corporais, discrepâncias entre sexo, *performance* e gênero. Em consequência, a autora esboça o conceito de “corpo abjeto”, este sendo o corpo que escapa a matriz heterossexual, permanecendo além da compreensão de humano.

O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (BUTLER, 2003 [1990], p. 190-191).

Conclui-se que, ao mesmo tempo que os corpos abjetos questionam a matriz heterossexual também a sustentam, por esse motivo que é proveitoso para a matriz heterossexual incitar a produção de sua diferença. Pois, é a partir desse contraste que os binarismos são forjados e, consequentemente, as noções de normalidade.

Igualmente se aliando à crítica feminista e à filosofia pós-estruturalista, Preciado (2008), outro autor clássico da Teoria *Queer*, propõe que com o início do capitalismo disciplinar, formou-se uma “sexopolítica”, que criou um “império sexual”, em que se utiliza a dimensão sexual para criar e gerenciar as subjetividades contemporâneas. Dessa forma, colocando o falo num lugar central para a definição de uma identidade sexual, haja

vista que a diferença sexual foi legitimada se baseando nos órgãos sexuais e reprodutores. Isso fica claro se observamos as leis que penalizavam a sodomia na Europa, a criação de uma enciclopédia, em 1868, por Krafft-Ebing, que identificavam identidades sexuais e sexualidades normais e anormais, domesticação do orgasmo masculino pela produção de pornografia etc.

Então, os dispositivos sexopolíticos transformaram práticas sexuais dissidentes em identidades, objetivando vigiá-las, categorizá-las e puni-las no sentido de naturalizar o sexo. Logo, Preciado conjectura que passamos da “sociedade disciplinar” de Foucault para o “regime farmacopornográfico”. Já que o exercício do controle não atua mais apenas da sociedade para o sujeito, mas de dentro para fora. Nesse novo cenário, as pílulas hormonais e os implantes, tendo como exemplo, funcionam como o “panóptico” de Foucault (1999) no que diz respeito à tecnologia de monitoração dos sujeitos pelas instituições, como tal, a medicina.

De acordo com o autor, esse regime se sustenta por dois grandes poderes: o “farmacopoder” e o “pornopoder”. O primeiro poder versa sobre o uso de fármacos para a fabricação e regulação das características associadas à feminilidade e masculinidade, constituindo assim técnicas de construção de gênero, à exemplo o Viagra e a testosterona – no caso da testosterona, muitas vezes é usada como anabolizante para prática de atividades físicas com a finalidade de forçar o corpo para além de sua capacidade genética de crescer e, com isso, performar mais masculinidade. O segundo poder versa sobre a espetacularização do sexo pela pornografia. Isso significa dizer que, no pornô, é preciso atos performativos e performances que se constituem através de suportes audiovisuais que administram a produção de prazer no espectador do mesmo modo que publiciza e comercializa o privado. Portanto, a pornografia reitera e retrata um regime de verdade sobre a sexualidade e o gênero, pois os apresenta como performance, representação dentro de padrões cis-heteronormativos e coloniais.

É seguindo esse ponto de vista que o autor entende gênero como “o efeito de um sistema de significação, de modos de produção e de decodificação de signos visuais e textuais politicamente regulados” (Preciado, 2008, p.83). Basicamente, anteriormente, corpo, desejo, sexo e gênero eram concebidos como naturais, vinculados à divindade, ao Estado e à alcova. Atualmente, esses elementos são considerados propriedade das grandes corporações multinacionais, o império farmacopornográfico.

4.2.2 *Linguística Queer*

A Linguística *Queer* surgiu após a segunda metade da década de 1990. Antes desse período, as escassas pesquisas sobre linguagem e sexualidade frequentemente abordavam apenas o vocabulário utilizado por indivíduos homossexuais. Segundo Queen (2002), um trabalho em linguística que investiga a fala de pessoas queer não se configura necessariamente como um trabalho de Linguística *Queer*, pois, para assim ser considerado, precisa se apoiar na Teoria *Queer*. Logo, para um trabalho ser linguística *Queer* é indispensável investigar as construções performativas das identidades através da linguagem.

No ano de 1997, Anna Livia e Kira Hall inauguram o campo da linguística *Queer* com a publicação do livro “Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality” organizado por elas e contendo 25 capítulos escritos por variados autores, com base na teoria da performatividade de Butler. Esse trabalho tinha como alvo investigar como as identidades de gênero e sexualidade são construídas discursivamente.

Segundo Borba (2015, p.93-94), que classifica 2 fases na Linguística *Queer*, essa é a primeira fase, que se caracterizou por um cerne “na descrição de como seres abjetos [...] utilizavam a linguagem em diversas práticas sociais” e como “faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural”. Já a segunda fase, para o autor, se preocupa em “investigar como discursos [...] deixam traços na língua, possibilitam a ação social e são, na performance linguística, sustentados ou subvertidos”.

Por consequência, a LQ busca pensar quais são as ideologias, as práticas e as identidades que fundamentam produções discursivas sobre a sexualidade e o gênero em performances locais dos sujeitos. É essencial desnaturalizar as identidades e passar a considerá-las no seu aspecto relacional. Como bem preconiza Bucholtz e Hall (2004):

a identidade não pode ser inerente se ela é um resultado emergente (em vez de uma fonte pré-existente) das ações sociais; ela não pode ser individual se é socialmente negociada; e não pode ser totalmente intencional já que é produzida por práticas e ideologias que excedem nossa consciência. (p. 493)

Dessa maneira, corroboramos com Borba (2015) quando afirma que o objetivo da Linguística *Queer* é averiguar como sujeitos *queer* negociam suas identidades dentro da

matriz discursiva heterossexual de maneira a tensionar ou repetir discursos por meio de suas performances. À vista disso, a etnografia se mostra como uma poderosa ferramenta nessa empreitada, pois faz uma descrição rigorosa de *performances* locais situadas.

Por isso, Bucholtz e Hall (2004) propõem a equalização da Teoria *Queer* e da Linguística *Queer*, dado que juntas têm o potencial de ampliar a visão crítica e abranger as diversas nuances da construção discursiva do gênero e da sexualidade na sociedade. Nessa teia, com ferramentas metodológicas de diferentes áreas, como a sociolinguística, a antropologia linguística, a análise do discurso e a filosofia pós-estruturalista, pode-se traçar uma análise do gênero e da sexualidade que considera desde as estruturas de poder, até as atividades humanas.

A linguagem, então, é palco privilegiado para os estudos *Queer*, visto que se desde o nascimento da teoria *queer*, autores como Butler (2003[1990]) se apropriam de conceitos linguísticos para pensar gênero e sexualidade, pensar numa linguística *queer* não aparenta ser algo tão distante. Como bem apontado por Bucholtz e Hall (2004), a linguagem é o lugar onde ideologias circulam, práticas sociais e identidades são esculpidas.

Diante disso, nos baseamos também em Bucholtz e Hall (2005), quando elaboraram um quadro analítico-teórico para orientar pesquisas que adotam a abordagem teórica da identidade como um componente interacional.

Nesse contexto de considerar as identidades como constitutivas da interação, as pesquisadoras apresentam cinco princípios das identidades interacionais: (i) o princípio da emergência, que posiciona a linguagem como um fenômeno discursivo emergente de natureza sociocultural; (ii) o princípio da posicionalidade, que relaciona o comportamento social à subcategorias de macrocategorias demográficas da identidade, como idade, gênero e classe social, destacando a diversidade de posições dentro dos grupos identitários; (iii) o princípio da indexicalidade, que reconhece que as formas linguísticas identitárias dependem do contexto interacional para atribuir significado social; (iv) o princípio da relacionalidade, que concebe a identidade como algo intersubjetivo e não autônomo, ocorrendo na relação de contraste entre diferentes posições identitárias; (v) o princípio da parcialidade, que reforça a natureza parcial da identidade, uma vez que as

pessoas constantemente negociam suas identidades na interação, influenciadas pela percepção dos outros e por fatores ideológicos e estruturais na construção identitária.

Para uma investigação local das identidades, é imperativo observar particularmente o princípio da relacionalidade, e aprofundar no conceito denominado pelas autoras previamente mencionadas como "táticas de intersubjetividade". Estas são concebidas como as formas das relações identitárias assumidas pelos participantes numa interação. Assim, constata-se três pares dessas táticas, caracterizadas por uma relação de contraste: a) adequação e distinção; b) autenticação e desnaturalização; c) autorização e ilegitimação. Abaixo, serão explorados exemplos (retirados de Rodrigues e Barreto-Filho, 2020) de como essas táticas funcionam nas interações online.

4.2.2.1 Adequação e Distinção

A primeira tática aborda a intenção de indivíduos ou grupos de se apresentarem como semelhantes e/ou diferentes para atingir objetivos específicos na interação. O mote da discussão dessa primeira *Thread* gira em torno da anulação da sentença de Lula no caso do sítio Atibaia pelo Des. Gebran Neto. No qual a autora da postagem, Joice Hasselmann, figura pública declaradamente de direita, apoia o ato do desembargador.

Exemplo 1

<i>Thread 1</i>	<u>JOICE HASSELMANN</u> Des. Gebran Neto rejeita anulação da sentença de Lula no caso do sítio de Atibaia. Voto espetacular que ENSINA (atenção STF) q a LEI TEM Q SER PARA TODOS! O julgamento é decisivo. <u>Nós vamos aprovar a prisão após 2a instância e Lula voltará para cadeia, q é o lugar de corrupto.</u>
Resposta 1	<u>COMENTADOR 1</u> <u>Traíra</u>

	
Resposta 2	<p><u>COMENTADOR 2</u></p> 
	<p><u>COMENTADOR 3</u> <u>Mimimimimimimimimimimimimimi</u></p>
Resposta 3	<p><u>COMENTADOR 4</u></p> <p>Ninguém ganha dessa..... <u>Dilmanta....</u></p> 

A postagem inicia com elementos identitários e de impolidez no trecho “Nós vamos aprovar a prisão após 2ª instância e Lula voltará para cadeia, q é o lugar de

corrupto.” Mesmo Lula estando em processo de julgamento, a autora do post já avalia Lula como condenado, usando do insulto por vocativo negativo personalizado: corrupto. Assim, a partir desse insulto, a autora da postagem distingue sua identidade da identidade do Ex presidente, com o objetivo de demonstrar desapoio à ideologia que se posiciona a identidade de Lula.

Já na resposta 2, o comentador 2, por meio de um meme, busca passar a ideia de que os verdadeiros ladrões são Bolsonaro e seus filhos. Assim, posicionando sua identidade como oposição ao governo de Bolsonaro. Se segue então pela marca de silenciador usada pelo comentador 3 para calar o comentador 2 em sua crítica, e assim também se posicionando a favor do governo bolsonarista e contra sua oposição. O que também acontece na resposta 3 com o meme usado pelo comentador 4, que é acompanhado pela marca do insulto com o vocativo personalizado “Dilmanta”.

4.2.2.2 Autenticação e Desnaturalização

A segunda tática considera como a identidade pode ser validada pelo discurso e, conseqüentemente, mantida ou não. Essa segunda *Thread* é um *tweet* do humorista e apresentador, Danilo Gentili, em que ele questiona a criação de mais um novo partido político:

Exemplo 2

<i>Thread 2</i>	Danilo Gentili <u>Nasce mais um partido político para o cidadão de bem odiar.</u>
Resposta	COMENTADOR Neném chorão

Danilo Gentili, conhecido por ser apresentador do programa The Noite no SBT, sempre deixou claro publicamente seu apoio a pautas liberais e de direita, como também ao governo Bolsonaro. No entanto, já desfez seu apoio ao governo Bolsonaro, assim como a Joice Hasselmann como visto anteriormente. Dessa forma, ele faz uso da marca de impolidez de crítica, pois, ao mesmo tempo que ele se posiciona enquanto “cidadão de bem”, termo usado por pessoas que se identificam como de direita nas redes sociais, também se posiciona contra a proposta de criação do novo partido político do Presidente Jair Bolsonaro, tendo em vista que Jair rompeu com o seu partido inicial (PSL) e tentou criar um novo, o Aliança. Dessa maneira, Danilo desnaturaliza a identidade de direita

como unicamente associada a Bolsonaro, questionando a moralidade dele e rompendo com casuais semelhanças entre: apoiar Bolsonaro e ser de direita.

4.2.2.3 Autorização e ilegitimação

E, por último, a terceira tática examina os aspectos estruturais e institucionais do poder e da ideologia associados à identidade, propondo tanto a afirmação ou imposição de uma identidade quanto a sua negação e censura. Nesta terceira *Thread*, começa com Lula tecendo uma crítica ao processo de eleição de Bolsonaro:

Exemplo 3

<i>Thread 3</i>	Lula Volto a dizer: não dá pra aceitar a ideia de que o Bolsonaro é resultado de um processo amplamente democrático. Ele é resultado de um processo que se deu desde a cassação de uma <u>presidenta sem crime</u> . Agora perceberam que o troglodita que eles elegeram não deu certo.
	Sargento Fahur Quem é você seu <u>ladrão condenado</u> , pra vomitar merda sobre democracia ? Democracia era quando vocês saqueavam o Brasil sem serem incomodados? A prisão em segunda instância logo volta e você retorna pra tranca.

Conforme Lula critica o processo em que Bolsonaro foi eleito, ele adequa sua identidade como oposição ao governo Bolsonaro. Logo após, o Sargento Fahur, Deputado Federal autodeclarado bolsonarista, insulta o ex-presidente e ilegitima a autonomia do ex-presidente em falar sobre democracia. A identidade de Lula e sua crítica passam por um processo de censura, assim, pelo fato de Lula ser um “ladrão condenado”, como diz o Sargento, nesse processo de ilegitimação ele perde o direito de se posicionar ideologicamente e tecer qualquer tipo de avaliação.

Como ilustrado nos exemplos anteriores sobre o conceito de identidade, os participantes estão constantemente formando identidades que se conectam primariamente às ideologias estabelecidas ao longo da história, tais como as ideologias de direita, esquerda, feminismo e machismo. Sabendo disso, inspirados em Blitvich e Sifianou (2017) e Barreto-filho (2019), fazemos uma aproximação dos conceitos de face e identidade, já que ambos abordam a projeção do eu no fluxo da interação,

Portanto, Blitvich e Sifianou (2017, p.238) apontam quatro pontos que os estudos que se interessam pela intersecção entre a (im)polidez e identidades podem avançar:

- (I) Manifestações/avaliações de (im)polidez podem ser conectadas a (co)construção das identidades, não apenas a face.
- (II) Identidade e face são inseparáveis já que elas coconstituem uma à outra.
- (III) A (im)polidez pode ser vista como um indexador na construção da identidade.
- (IV) Modelos construídos para a análise de construções de identidades podem ser frutiferamente aplicados ao estudo da (im)polidez.

Dessa maneira, esse trabalho se preocupa justamente com esses quatro pontos citados pelas autoras no que concerne à relação entre a impolidez e as performances identitárias. Assumimos, tal como Barreto-filho (2019, p.112) “o conceito de face como a projeção individual do eu, e o conceito de identidade como o posicionamento do eu e do outro em meio ao contexto ideológico” para pensarmos o direcionamento da impolidez à faces e/ou às identidades de gênero e sexualidades.

5. NARRATIVAS DE IMPOLIDEZ E IDENTIDADES *QUEER* NAS REDES SOCIAIS

Esta seção se dedica à análise e discussão dos dados da pesquisa. Estes dados estão separados em: relações interpessoais e ambientes públicos. Essa categorização foi feita levando em consideração a natureza das narrativas analisadas. Então, a análise se deu de maneira a, primeiramente, trazer os aspectos contextuais das narrativas, segundo Georgakopoulou (2015), explicando resumidamente no que consiste os relatos, apontar as marcas convencionalizadas de impolidez (Culpeper, 2011) e elencar os tipos de ataques (Spencer-Oatey, 2005) feitos aos sujeitos *queer*. Assim como, a relação desses ataques com as construções identitárias dissidentes. Por fim, foi feita uma relação das construções identitárias com o que a literatura da teoria *queer* nos traz.

À vista disso, apontamos quais marcas de impolidez apareciam nos relatos, sua frequência, e direcionamento, já que elas são indícios do fenômeno da impolidez. Ademais, caracterizamos os tipos de ataque, considerando também as normas sociais que subjazem a interpretação dos eventos impolidos, fizemos a explicação dos eventos de ofensa em sua relação com as construções discursivas das identidades. Para isso, usamos o *framework* das táticas de intersubjetividade (Bucholtz e Hall, 2005), atentando para as táticas mais usadas e para o que elas nos dizem sobre as identidades desviantes, segundo a teorização *queer*.

Os nossos achados revelam que a marca de impolidez de crítica é a mais recorrente nos relatos, aparecendo em cinco das dez narrativas analisadas, o que escancara a projeção da identidade *queer* como um “outro”, “não eu”, abjeto (Butler, 1990). Logo, isso passa pelo processo de distinção e ilegitimação dessas identidades desviantes da norma heterossexual, que precisa dessa diferença para igualmente construir sua identidade como a única válida e aceita.

Isto posto, é notável que os ataques são direcionados às identidades dissidentes e não apenas aos sujeitos *queer*. Já que é a estilização repetida da performance *queer* que “ofende” e naturaliza a violência que a matriz heterossexual impõe sobre os corpos diferentes dos seus, no sentido de reprimi-los, apagá-los e controla-los. E é assim que,

para Foucault (1999), se institui o regime de verdade de poder-saber-prazer da sexualidade humana, sujeitando corpos *queer* à margem da sociedade.

5.1 RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Esta seção se dedica a analisar e interpretar os dados da pesquisa. Assim, nós entendemos as relações interpessoais como aquelas que necessitam de algum vínculo entre os participantes de uma interação, sejam esses vínculos institucionais ou de ordem pessoal. Para isso, separamos cinco narrativas que ocorrem na escola ou de maneira ampla, na sala de aula, entre interações de amigos e no espaço de trabalho. Dessa forma, nosso critério levou em consideração a natureza dos acontecimentos narrados nas postagens que coletamos.

5.1.1 Escola – Facebook

No texto 1, o autor do post relata ter passado por episódios de agressão na escola onde estuda. Ele relata que vem sofrendo essas violências por um grupo de homofóbicos, inclusive ameaças de morte, e que já procurou prestar queixa, mas nem a escola nem a polícia tomaram alguma providência mais interventiva sobre o ocorrido.

Texto 1

Postagem	<u>Autor(a) do Post</u> Gente, estou sendo agredido na escola frequentemente. Pois bem, moro numa cidade pequena e só tem uma escola de ensino médio, na qual eu estudo, e frequentemente um grup de homofobicos estão me agredindo fisicamente, mas ninguém toma providencia sobre a situação, enfim, que eu memso fui na delegacia e dei queixa, temos audiência dia 3/09, e desde então esses abusos tem sido cada vez mais fortes, como ameaça de morte, e até tentaram entrar na minha casa. A polícia ta sabendo de tudo, mas me sinto impotente, não sei o que fazer, não quero desistir da escola, sendo que é meu último ano, mês que vem tenho vestibular e não queria estragar tudo isso por causa deles, mas meus pais tem medo que eu volte pra escola e continue apanhando. Me ajudem manas, o que vocês acham que eu devo fazer?!
Comentários:	

	<p><u>Comentador(a)1:</u> Essa audiência é contra a escola ou os alunos?</p> <p>Denuncia no Ministério da Educação, se você tiver provas, melhor ainda, porque ai a escola vai ser obrigada a tomar providencias, porque ninguém quer perder o cargo.</p> <p><u>Réplica 1 (Autor(a) do post):</u> É contra o primeiro que me agrediu. A escola, não toma providencia nenhuma, e está ciente de tudo que ta acontecendo. Mas defendem um dos meninos, porque ele tem mãe que trabalha na escola.</p> <p><u>Comentador(a) 2:</u> Não tem ninguém que possa te passar a matéria dada diariamente? Daí você estuda em casa</p> <p><u>Réplica 2 (Autor(a) do post):</u> Já conversei com os professores, mas nenhum é de acordo com minha saída da escola, eles dizem que estariam me tratando diferente dos outros alunos, e isso seria injusto.</p>
--	--

A narrativa se passa (site) no ambiente institucional escolar, onde é comum encontrar relatos de casos de impolidez contra pessoas *queer*, os narradores (tellers) envolvidos são: a vítima, os professores, os algozes e a polícia. E os modos de contar perpassam o relato de impotência experienciado pela vítima, uma vez que até quando se envolve a polícia, que deveria ser algo interventivo, a situação vivida pela vítima piora, levando a única e impossível alternativa dele sair da escola, pois essa é a única escola na cidade.

O autor do post usa palavras como “abusos” e “impotente” para categorizar os momentos de injúria. Nesse relato não foram encontradas marcas de impolidez, mas a própria vítima deixa claro que se sente impotente frente a situação na escola (e nesse ponto a emoção negativa caracteriza a impolidez, de acordo com Spencer-Oatey 2005), visto que já tentou a denúncia e, mesmo os professores que deveriam o apoiar entendem que ele não deve sair da escola, pois isso configura um tratamento diferente para com ele. Então, aqui temos um caso de quebra da norma social de igualdade, pois o aluno é tratado de maneira diferente e tem sua situação normalizada pelos professores e pela escola que não toma providências para combater o ocorrido.

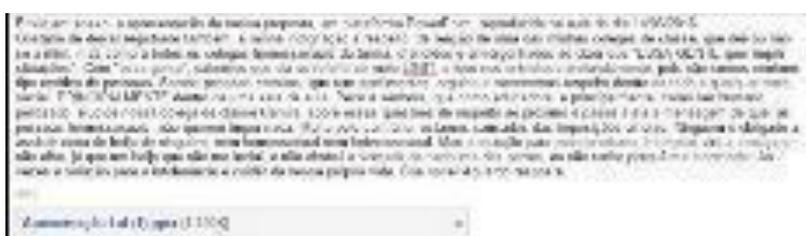
A sua identidade enquanto aluno e lgbt que passa por preconceito é iligitimada (Bucholtz e Hall, 2005), já que a instituição e as pessoas que estão no poder não utilizam de seus privilégios para combater esse tipo de situação. Esse processo de ilegitimação acontece pelo fato de a identidade do estudante ser negada ou censurada, que é o que acontece com a falta de combate pela escola. Então, sobra a única alternativa que seria o aluno sair da escola ou estudar em casa, como é elucidado na fala do comentador 2.

Assim a escola, enquanto instituição, quando deixa esse tipo de violência acontecer normalmente, funciona como um mecanismo de poder (Oliveira, 2021) que atua de maneira repressiva. Segundo Foucault (1999) assim é exercido o biopoder, que constitui qual sexualidade, nesse caso, é aceitável ou não.

5.1.2 Sala de Aula - Facebook

No texto 2, abaixo, a autora do post relata que apresentou um trabalho sobre intolerância, em que comenta sobre a LGBTfobia, e acaba vivendo a própria violência logo após sua apresentação. Ela comenta que, assim que chegou em casa, mandou um e-mail cobrando uma atitude da professora sobre o ocorrido.

Texto 2

<p>Postagem</p>	<p><u>Autor(a) do Post:</u></p> <p>Manas, estava eu bem garota apresentando um trabalho sobre uma proposta de cunho social, que tem como tema a intolerância (de diversas formas). Citei a LGBTfobia diversas vezes como exemplo. Ao final da apresentação, quando os colegas foram fazer suas considerações, uma infeliz teve o desprazer de pronunciar: “ESSA GENTE (LGBT’s) QUER IMPOR SITUAÇÕES COMO SE TUDO FOSSE NORMAL.” A aula já estava no fim, então nem tive tempo de dar meu baile e meter a faca nessa maldita... Porém como escorpiana que sou, não esqueci. Cheguei em casa agora e ja mandei um e-mail para a professora. Agora espero que ela tome alguma providência.</p> 
-----------------	---

Considerando o local (*sites*), a situação de impolidez acontece numa sala de aula, lugar em que estudantes esperam serem tratados de maneira igual, tanto que a expectativa

da autora do post era que a professora tivesse tomado alguma atitude sobre o acontecido, se observarmos o trecho “já mandei um e-mail para a professora. Agora espero que ela tome alguma providência”. Em relação aos narradores (tellers), eles se concentram na autora, que se coloca como uma pessoa que faz parte do grupo social *queer*, e a algoz, que é categorizada como intolerante. Dentro do modo de contar (*ways of telling*) dessa narrativa, as escolhas linguísticas são bastante importantes, pois são elas que configuram a impolidez, sobre isso ressaltamos o uso de palavras que remetem a emoções negativas, como os substantivos: “infeliz” e “maldita”.

De início, já é possível destacar o aparecimento das fórmulas convencionalizadas de impolidez, (Culpeper, 2011) em “uma infeliz teve o desprazer de pronunciar” que é um insulto por vocativo negativo personalizado. Se olharmos no e-mail que a autora do post mandou para a professora da aula, também é possível destacar “Gostaria de deixar registrado também, a minha indignação a respeito da reação de uma das minhas colegas de classe”, que é uma crítica/reclamação acentuada. Aparentemente, a autora do post se ofendeu pelo uso de outra fórmula “essa gente” (insulto por referência negativa a outra pessoa na presença do alvo), que foi direcionado a ela e a todas as outras pessoas *queer* que se encontravam na sala de aula.

Além da existência das fórmulas, tanto em forma de ataque como em forma de reação, vemos também a percepção da Autora do post quando diz que a situação a entristeceu e afirma que se sentiu indignada, ofendida e envergonhada. Então, sobre a gerência das faces (Spencer-Oatey, 2005) entendemos que a situação de impolidez se dá pelo desrespeito da face de identidade social da autora do post e de outras pessoas *queer* presentes na sala de aula. Como também, há a quebra do direito societário de equidade, já que a autora espera ser tratada com igualdade e de maneira justa, mas sua identidade é atacada.

Isso nos leva a pensar sobre a identidade *queer* que está sendo atacada. Dessa forma, dentro das táticas de intersubjetividade que subjazem às construções identitárias (Bucholtz e Hall, 2005), podemos enquadrar a situação acima dentro do par de autorização e ilegitimação. Mais precisamente, acontece o processo de ilegitimação da identidade *queer*, visto que o algoz da impolidez categoriza pessoas *queer* como “Essa gente”, no intuito de diminuir essas pessoas.

A ilegitimação, então, é usada de maneira a normalizar a identidade heterossexual do algoz como a única possível, enquanto as identidades *queer* são colocadas como anormais, abjetas. A impolidez aqui serve para ratificar o binômio heteronormativo do sistema através da linguagem. Foucault (1999) chama isso de “docilização dos corpos”, isto é, a imposição da repressão para acostumar os sujeitos a sua própria marginalização social.

5.1.3 Interação entre amigos – Facebook

No texto 3, o autor do post relata ter passado por uma intervenção de seus amigos que estavam incomodados com o seu ativismo sobre questões *queer*. Ele aponta que essa intervenção o fez chorar e se sentir triste. Ademais, ele foi categorizado e criticado pelos amigos como uma pessoa problematizadora.

Texto 3

<p>Postagem</p>	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>[DESCULPA O TEXTÃO SOFRI UMA INTERVENÇÃO HETERA]</p> <p>No ultimo final de semana, meus amigos fizeram uma intervenção contra mim, fui duramente criticada por ser muito problematizadora (ou mimimi no dialeto hetero), segundo os mesmos, estavam se afastando de mim por eu estar me tornando uma pessoa muito chata. Muito cheia de mimimi, (por corrigi-los quando qnd diziam O traveco, ao invéz de A Travesti, por censura-los por seus comentários machistas, sexistas e depreciativos sobre as mulheres e entre outros, o q eu fazia de maneira educada e diplomática, explicando as diferenças), o ponto é que eu sei que não estou errado, mas eu fiquei bem confuso. N ocasião eu estava bêbado e so consegui chorar e tentar me defender, mas eram dois contra mim, levei a pior nos argumentos e so chorei, to bem triste. Disseram que é muito linda toda argumentação pro LGBTs, mas que todo esse ativismo não serve de nada, que eu nao tenho poder para mudar nada e que eu deveria ficar na minha e estudar, “ser alguém” na vida para dai poder fazer alguma diferença sociedade empregando LGBTs, dando oportunidade e que ja haviam pensado em me excluir do meu facebook por conta dos meus posts sobre Homofobia, LGBTs, Golpe, Machismo e questionamentos afins, por fim disseram para eu cuidar só de mim e nao carregar os problemas dos outros, pq ngm ia carregar os meus. Vcs ja passaram por isso? Preciso sber que nao estou errado. Pq confesso que me deixaram confuso.</p> <p>EDIT: os mesmo usaram como argumento, “amigos” seus que tambem sao gays, que sao mais velhos que eu e que nao eram tao cheios de mimimi como eu, que nao levantavam nenhuma bandeira e que “faziam” a diferença tendo estudado e se formado e usando sua profissao para algum beneficio da comunidade LGBT. Mas que nao, NAO, levantavam nenhuma bandeira ou problematizavam.</p> <p>EDIT2: nao sou extremista e nao fico problematizando 24H, as criticas deles foram por coisas q escrevi no facebook, pq pessoalmente evito falar sobre ativismo e problematizar pq sei q suas opinioes nao vao mudar, e pq nao quero ser a louca da problematizaçao, e qnd eu corrijo algo q eles disseram, eu explico o motivo e a diferença entre uma coisa e outra.</p>
-----------------	---

	Se flopar, flopou.
--	--------------------

O relato acontece dentro da relação interpessoal (sites) do autor do post para com seus amigos, considerando também o uso da rede social *Facebook* do autor(a) do post que incomoda os seus amigos. Os narradores então são: o autor do post, os seus amigos, e os outros amigos *queer* dos amigos do autor do post. Os modos de contar revelam o uso irônico do neologismo “intervenção hetera”, a associação da palavra “mimimi” com as pessoas héteros (que usam esse termo para desqualificar críticas advindas de grupos identitários diferentes), assim como a categorização de “problematizadora” do autor do post pelos seus amigos.

Já o título da postagem carrega a marca de impolidez de crítica, pois o termo “hetera” não existe, mas é usado com conotação negativa. Ainda, o autor do post informa que só conseguiu chorar e que ficou triste, o que ratifica a impolidez vivida, já que as marcas de impolidez apenas funcionam como indicadores de que pode haver impolidez, sendo necessário a reação do alvo para confirmar a ofensa. Também, o substantivo “problematizadora”, e os termos “pessoa muito chata”, “mimimi”, e a frase “todo esse ativismo não serve pra nada” são marcas de impolidez (crítica) e mostram como os algozes fazem um processo de adequação/distinção de suas identidades, já que não são pessoas *queer* e não validam os problemas apontados pelo autor do post, inclusive, comparam a vítima com outros amigos LGBTs, de maneira distintiva, pois esses não se comportam da mesma maneira que ele.

Acontece também a quebra da norma de associação, visto que o autor(a) do post esperava ser tratado de maneira empática pelos seus amigos, o que não acontece. A intervenção sofrida pelo autor do post mostra como as questões *queer* são tidas de maneira

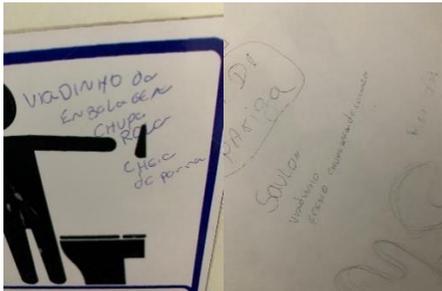
banal pela sociedade, visto que seus amigos acham que ser ativista é uma perda de tempo, e não muda nada na realidade social da vida cotidiana. E isso também traz à baila a questão da impunidade. Pois, se é sabido que pessoas *queer* sofrem preconceitos, os comentários dos amigos do autor do post só confirmam que lutar contra isso pelo ativismo não vai levar a lugar nenhum.

Logo, o incômodo que os amigos do autor(a) do post esboçam sentir está diretamente ligado a uma mudança na estrutura social. É cada vez mais comum na sociedade moderna o debate acerca dos direitos humanos das pessoas LGBTQIA+ e isso perturba quem se orienta pela heteronormatividade, pois elas não podem mais esboçar seus preconceitos sem serem interrompidas, por exemplo. Como bem coloca Butler (1990) a própria ação de ressignificar o termo “*queer*” e aqui no Brasil o termo “*bicha*”, fazendo uma aproximação, desloca-se a ofensa para o lugar do orgulho.

5.1.4 Saúde mental/Trabalho – Twitter

No texto 4, o autor do post relata ter passado por LGBTfobia no trabalho, visto que ele encontrou escritos com xingamentos direcionados a ele no banheiro do seu trabalho. Ele aponta que passa por essas situações de maneira recorrente e que por isso é frustrante.

Texto 4

Postagem	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>Mês que vem é setembro amarelo, hoje tivemos uma situação de suicídio do filho Lucas Santos da cantora walkyria santos. Hoje eu passei dos dias mais frustrante do meu trabalho, eu não conseguia trabalhar direito, chorei muito.</p> <p>Homofobia mata, está em todo lugar.</p>  <p>The image shows a close-up of a wall with handwritten graffiti in black marker. On the left, there is a drawing of a stick figure with a speech bubble containing the text 'VIADINHO da Embelô da Chupa Bala Chica de porra'. To the right, there are several other words and phrases, including 'Dit', 'Vadia', and 'Santos', along with some illegible scribbles.</p>
----------	---

Comentários:	
	<p><u>Comentador(a)1 (Autor(a) do post):</u> Cara 22 anos passando por isso? Eu sofrer bullying ate minha adolescência, é frustrante vc tentar superar, que superação é essa que nunca acaba? É loop!!!</p> <p><u>Comentador(a)2:</u> Eu era a plaquinha do banheiro.</p>

O relato acima se passa no ambiente de trabalho do autor do post, em que foram escritos insultos sobre a sexualidade dele no banheiro da empresa. Essa narrativa tem como narradores o autor do post, e o comentador 2. Sobre os modos de contar, é perceptível a comparação que o autor do post faz do seu caso com o do suicídio do filho da Walkyria Santos, cantora de forró. Seu filho foi uma criança extremamente xingada nas redes sociais por ter postado um vídeo no TikTok de uma brincadeira afetiva com um amigo, o que mostra como as ofensas pelas quais ele sofreu levam ao suicídio de pessoas *queer*. Já que, mesmo que estas vítimas tentem superar esses episódios, é difícil que isso aconteça quando elas estão recorrentemente passando por LGBTfobia.

Adjetivos como “viadinho”, “chupa rola”, “cheio de porra” escritos na parede do banheiro do seu trabalho são marcas de impolidez de ofensa por vocativo personalizado. Dessa forma, esses insultos atacam a qualidade da face do autor do post, que relata se sentir frustrado por passar por essa situação de maneira recorrente, sendo a emoção e a frustração o que confirma a situação de impolidez.

A vítima passa pelo processo de associação/distinção, visto que o seu algoz a coloca como diferente dele a partir do uso dos insultos mencionados acima e ele ressalta passar por isso há 22 anos. Ainda, em forma de crítica irônica, o comentador 2 tenta deslegitimar a homofobia relatada ridicularizando o ocorrido. Esses são fatores muitos comuns em situações de LGBTfobia, por essa violência não ser considerada algo sério, é muito comum as pessoas relativizarem-na. O que também contribui para a construção das identidades dissidentes, já que elas são colocadas como o oposto do que é socialmente esperado (Louro, 2004).

5.1.5 Trabalho – Facebook

No texto 5, a autora do post relata várias situações de transfobia que viveu, especialmente, no seu ambiente de trabalho. Ela aponta que teve sua identidade deslegitimada, sendo chamada de gay e expõe o quanto a negação da sua identidade dói.

Texto 5

<p>Postagem</p>	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>Man@s um help</p> <p>Sou mulher trans e estou cansada de ser julgada por isso</p> <p>Faço medicina em uma federal, trabalhei em um pub quase 2 anos junto com a facul pra me sustentar sozinha em outra cidade, longe da família e amigos</p> <p>Sempre tive todo apoio, mas aqui é cidade pequena e vez ou outra descubro que estavam falando de mim no serviço, na faculdade, na roda de "amigos" etc</p> <p>As pessoas não percebem que sou trans quando me conhecem, mas a fofoca rola solta</p> <p>Já teve cliente do pub me parando na rua pra perguntar se eu era "gay" porque quando ele perguntou o nome da loirinha que atendeu ele meu colega respondeu "loirinha? É um gay"</p> <p>Já cancelei rolê com amiga porque ouvi o menino amigo dela que ia nos dar carona dizendo "nada contra mas tua amiga é menino né?"</p> <p>Isso dói tanto, não ser reconhecida como mulher, ser reduzida a essa condição independente do que eu faça</p> <p>Sou "padrão" mas no momento em que descobrem o fato de ser uma mulher trans o tratamento muda completamente, estou cansada da maldade das pessoas</p>
<p>Comentários:</p>	
	<p><u>Comentador(a)1:</u> Olha, eu sendo uma mulher trans passo pelo mesmo praticamente. Não me considero padrão mas sou bem passavel. Sou gerente de uma loja de conveniência e algumas pessoas percebem e vejo o tratamento diferente mas o que muda msm é a maneira q.eu lido com isso. Sempre sou firme, não aceito piadas, corrijo se alguém me trata no masculino e pede desculpas, tipo eu literalmente não tolero o preconceito. Os vizinhos aqui, moro há 7 meses só, sempre comentam se sou homem ou não, e deixo sempre claro nas minhas redes minhas opiniões, as coisas q eu ouço eu posto. Então sou conhecida aqui por isso já. Por ser barraqueira e amo. Pq assim ninguém chega até mim... E eu amo isso. As pessoas que tem acesso a mim, me amam, ou me respeitam ou precisam de mim. E é isso..o restante eu finjo q não existe. Tente lida melhor com isso. Seremos trans, passaveis ou não, até a morte</p> <p><u>Comentador(a)2:</u> Também sou mulher trans, acho que passo na maior parte do tempo mas se acontece alguma coisa do tipo geralmente ignoro. Ignoro literalmente, nem me dou conta que é comigo. Ninguém paga minhas contas. Mas</p>

se acontecer alguma coisa que você ache realmente ofensiva recorra a lei. Transfobia é crime e a gente não pode deixar barato

O relato se passa em ambientes de trabalho, de estudo e de amigos. Os ambientes em que a narrativa se passa são muitos. Os narradores são a autora do post, os colegas e clientes com quem ela convive, os comentaristas contribuem com sua narrativa relatando passar pelo mesmo. Os modos de contar são caracterizados pela recorrência do uso errôneo do termo “gay” para remeter a uma mulher trans, como também, a repetição do termo “padrão” que descreve pessoas que têm aparência socialmente avaliadas positivamente, como corpo definido, traços europeus e pele branca, por exemplo.

A presença das aspas em “amigo” representa a marca de impolidez de crítica, que a autora do post faz as pessoas com quem ela se relaciona. A identidade social da autora do post é totalmente atacada, justamente quando descobrem que ela não é uma mulher cisgênera. Assim, por mais que a autora do post se identifique dessa maneira e que também remete ao termo “passável” (esse termo é geralmente usado para remeter a pessoas trans que são lidas socialmente como pessoas cis, o que pode garantir certa “imunidade” de violências LGBTfóbicas) usado pela comentadora¹. De toda forma, ela e a comentadora ¹ sofrem julgamentos da mesma maneira.

Também, a autora do post declara ter sua identidade trans negada, ao usar palavras que se associam às emoções negativas, como o verbo “dói” e o adjetivo “cansa”. A autora do post tem sua identidade desnaturalizada, o que é possível perceber nas passagens “Já teve cliente do pub me parando na rua pra perguntar se eu era "gay ", "meu colega respondeu "loirinha? É um gay", e "nada contra mas tua amiga é menino né?".

Esse processo de desnaturalização escancara como, mesmo que sujeitos trans possam parecer cisgêneros, suas identidades sempre vão ser colocadas em julgamento, associando os seus gêneros aos seus órgãos reprodutivos. E isso configura-se como uma forma de produzir gênero (Butler, 1990), e mais uma vez coloca-se as identidades dissidentes como identidades outras, que não merecem validação, como se as identidades precisassem sempre do fator biológico para serem validadas.

5.2 AMBIENTES PÚBLICOS

Nesta seção, também considerando a natureza das narrativas, agrupamos os dados em ambientes públicos, que são aqueles em que os relatos se passam em vias públicas, como as ruas e a praia. Dessa maneira, exploramos situações de impolidez, vivenciadas por pessoas dissidentes, em que não são observadas relações de vínculo entre os indivíduos das interações.

5.2.1 Política/Rua – Twitter

No texto 6, o autor do post relata que o momento de pós-eleições o fez se sentir triste pelo fato dele estar se reprimindo em esboçar afeto *queer* na rua por medo da violência contra pessoas LGBTQIA+. Ele comenta também que sente vergonha de ser brasileiro nesse momento, justamente por não se sentir seguro em performar sua identidade.

Texto 6

Postagem	<u>Autor(a) do Post</u> a coisa mais triste pós-eleições foi que hj me peguei me reprimindo de pegar na mão/beijar um menino na rua, coisa q eu nunca fiz na vida, o simbolismo do terror, da violência e do retrocesso sendo celebrado faz isso, que vergonha de ser brasileiro nesse momento no tempo
Comentários:	

	<p><u>Comentador(a)1:</u> Vejo meninos e meninas de mãos dadas ou se beijando. Casais héteros e homossexuais. Não faça de sua covardia uma bandeira contra o governo. Isso atrapalha e confunde quem quer q o país dê certo. No RJ nada mudou; mas não posso falar sobre seu bairro ou sua cidade</p> <p><u>Comentador(a)2:</u> Hoje em dia, dependendo de onde estou,, penso duas vezes na hora de andar na rua segurando a mão da minha filha</p> <p><u>Comentador(a)3:</u> Na minha cidade, eu sempre tive esse medo. Raros momentos ou apenas em festas pride que me sinto “livre” pra beijar, abraçar e/ou ficar de mãos dadas. 😊❤️</p> <p><u>Comentador(a)4:</u> Sinto q voltei aos meus 16-17 anos ou antes q cada saída q dava para rua pensava: será que hoje não volto?</p>
--	---

O post retrata uma auto violência decorrente do panorama de extremismo político das últimas eleições, de 2022, no Brasil. O relato então acontece como um auto reflexão da performance *queer* em ambiente público (sites), os modos de contar são perceptíveis com a presença dos termos “reprimindo”, “terror”, “violência”, “penso duas vezes” e “medo”, que remetem diretamente a emoções negativas e direcionam os comportamentos de pessoas *queer*. Os narradores então são o autor da postagem, os comentaristas que dizem passar pela mesma situação e o comentador 1, que discorda da postagem relativizando o acontecido.

A marca de impolidez de crítica é presente no trecho “que vergonha de ser nesse momento” e os trechos “reprimindo” e “simbolismo do terror, da violência e do retrocesso sendo celebrado”. Isso nos revela como o autor do post se sentiu e o motivo de ter se sentido assim. O processo de autorização/desnaturalização acontece quando o próprio indivíduo precisa se limitar, em sua liberdade identitária, para evitar sofrer represálias.

Os comentários dos comentaristas 2, 3 e 4 corroboram com o relato dessa autolimitação que pessoas LGBT, muitas vezes, performam para evitar passar por violências. Já o comentário do comentador 1 relativiza a relação entre política e violência suscitada pelos outros interactantes, inclusive, iguala as pessoas *queer* com as pessoas héteros numa tentativa de deslegitimar o relato do autor do post. Ataques assim configuram-se com a quebra da norma social de igualdade, pois, eles relatam como o momento político afeta suas expectativas de serem tratados com justiça e respeito.

A autorregulação dos corpos *queer* acontece como uma estratégia desses sujeitos para evitar sofrer violências, especialmente, em ambientes públicos. Logo, esse é um

exemplo de como o dispositivo da sexualidade (Foucault, 1999) controla e dociliza os corpos para que apenas a heteronormatividade seja entendida como única maneira de expressar sexualidade e gênero adequada e possível.

5.2.2 Política/Rua – Facebook

No texto 7, a autora do post conta o quão triste e pesado foi a derrota do candidato Freixo para Governador nas eleições cariocas. Ela relata ter sofrido agressão física simplesmente por andar com adesivos do candidato de esquerda. Também, ela aponta que o caso aconteceu em via pública, com várias pessoas ao redor, e que ninguém fez nada sobre a situação de violência que ela viveu.

Texto 7

<p>Postagem</p>	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>Vou contar uma história triste pra vocês sentirem o quão pesada foi a derrota do Freixo pras manas cariocas.</p> <p>Tinha acabado de votar Freixo 50 e tava toda feliz pela rua com meus adesivos lgbt colados no corpo. Estava descendo a rua e um rapaz, que dava dois de mim tanto na altura, visto que tenho 1,59, quanto nos músculos, estava subindo na minha direção. Até aí tudo bem, por incrível que pareça não me senti intimidada, até que ele para na minha frente e me dá um tapa na cara. Assim, do nada. Não disse qualquer coisa, só me acertou um tapa extremamente pesado e continuou andando. Eu não tive reação alguma. Não gritei, não xinguei, eu nem olhei pra trás. A rua estava movimentada e as pessoas não interviam, não perguntaram se estava tudo bem, elas só me encararam. Nessa hora eu morri de vergonha e não entendi até agora o porquê. Só abaixei a cabeça, coloquei a mão no rosto e andei até em casa segurando o choro.</p> <p>Foi só quando cheguei que me toquei que havia levado um tapa por usar um adesivo colorido escrito "Freixo 50".</p> <p>Eu tinha postado sobre isso no meu fb, mas os meus parentes lá pro lado do meu pai, começaram a dar um jeito de por a culpa em mim. Me senti constrangida e apaguei.</p> <p>(...)</p> <p>edit1: Gente, se vocês quiserem compartilhar, eu não me importo. Só não quero postar no meu facebook novamente, pelo menos não agora. Eu postei logo que ocorreu e meu pai ligou pra cá e fez um auê, até minha mãe ele culpou. Eu achei melhor apagar. Sei que não foi a atitude correta, mas eu não quero sofrer essa pressão agora. Não pela minha mãe, ela é um anjo, mas por todo o restante. Minha cabeça realmente tá a mil, eu nunca apanhei antes.</p> <p>Uma amiga me disse pra postar aqui porque seria acolhida, como tô sendo, e não tenho palavras pra agradecer.</p>
-----------------	--

	edit2: o bairro onde aconteceu foi no campinho, zona oeste, que é onde fica minha zona eleitoral.
Comentários:	
	<p>Comentador(a)1: Eu não aguento mais ver esse tipo de coisa acontecendo. A certeza de impunidade desses caras é tão grande que fazem a céu aberto e com platéia. Com Crivella, agora, tenho mais medo ainda. Pior de tudo é a repressão que a gente sofre quando tenta soltar a voz é reclamar</p> <p>Comentador(a)2: Poxaa que triste, fico muito triste mesmo por essas situações, hoje estive saindo pelas ruas com adesivo colorido do freixo, mas coloquei meu fone de ouvido pq não queria ouvir palavras tolas, mas é triste ver olhares preconceituosos, digo isso, mesmo eu não sendo gay, tenho minhas conclusões, sem mais delongas. Melhoras ♥</p> <p>Comentador(a)3: Foi em Campo Grande? Cara, eu moro no Campinho e hoje fui xingada de piranha porque estava com o adesivo do Freixo. Pode ter sido o mesmo nojento!! Meus pêsames por você ter passado por isso.</p>

O relato se passa em momento eleitoral, em que a autora do post relata que passou por agressão física, segundo ela, provavelmente por estar andando com adesivos LGBTs e de um político de esquerda. Os narradores (tellers) são todos os que relatam situações na postagem, pois compartilham desses episódios de injúria. Os lugares (sites), como perceptíveis, são geralmente públicos, como esse em questão, e os modos de contar se concentram na repetição de relatos de sentimentos negativos, escolha política dos interactantes e falta de apoio, tanto da população comum, que estavam passando pelo lugar que a impolidez aconteceu, como da família, na figura do pai da vítima, que a culpabilizou pelo ocorrido.

Trechos como “o quão pesado foi a derrota do freixo” (marca de impolidez de crítica/reclamação acentuada), “eu morri de vergonha”, “segurei o choro”, “me senti constrangida”, “minha cabeça tá a mil” escancaram como pessoas *queer* ou pessoas que demonstrem algum símbolo de defesa da causa estão suscetíveis de sofrer preconceito e

sentir emoções negativas. Os outros 3 comentários também sinalizam para o medo de pessoas *queer* em reagir a essas situações, muitas vezes, elas preferem fingir que a situação de impolidez não está acontecendo do que interpretar a situação como ofensa, pois, a impunidade no crime de LGBTfobia é latente.

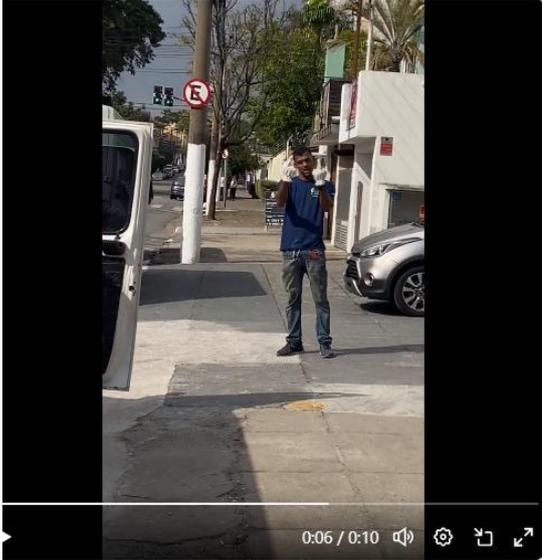
Tanto a autora do post como as pessoas nos comentários retratam situações em que a norma social de associação é quebrada, já que elas esperam terem a liberdade de apoiar o que bem entendem, de maneira pública, mas são coagidas ao silêncio, e tentam evitar sofrer violências. Outro fator importante é também a ideologia e valores que essas pessoas se associam, visto que pessoas de direita associam suas identidades com o fundamentalismo e com valores tradicionais heteronormativos.

O tapa que a autora do post recebeu, a repressão, o ato de “colocar o fone de ouvido” e o xingamento “piranha”, presentes na postagem revelam um processo de autorização/ilegitimação das identidades dos interactantes, na medida que homens usam de sua posição social privilegiada para apagar as identidades diferentes das deles, seja de maneira verbal ou física. É nesse sentido que Preciado (2008) vai apontar que os dispositivos “sexopolíticos” categorizam e punem as identidades desviantes com o objetivo de controlá-las e cristalizar identidades e performances *queer*, assim como acontece com o uso de drogas/hormônios para adequar identidades dissidentes como “passáveis”, o que o autor considera como “farmacopoder”.

5.2.3 Rua – Twitter

No texto 8, a autora do post relata ter passado por LGBTfobia na rua quando voltava para casa com uma amiga que também é *queer*. Assim, ela conta que sofreu várias agressões verbais por um homem na rua e que outros homens que passavam pelo local e viram a situação não fizeram nada sobre o que estava acontecendo.

Texto 8

Postagem	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>hoje eu sofri lgbtfobia no meio da rua quando tava voltando pra casa com uma amiga, que é desfem [[desfem é o termo usado para representar mulheres que não performam a feminilidade tradicional ou heteronormativa]] tbm foi horrível, a gente só tava passando pela calçada e um cara soltou "coisa nojenta não sei como que alguma mulher senta pra vocês, nem pau tem precisa de pintinho de borracha"+</p>
Comentários:	
	<p><u>Comentador(a)1 (Autor(a) do post):</u> eu e minha amg paramos de andar e olhamos pra ele sem acreditar que a gente tinha ouvido msm isso</p> <p>ai eu soltei "não sei como senta pra você além de feio deve ser mto infeliz pra fzr um comentário desses"</p> <p>o cara ficou puto começou a falar meio monte de merda daí+</p> <p><u>Comentador(a)2 (Autor(a) do post):</u> eu peguei o celular pra gravar pq já que ele é machão pra falar isso pra duas minas que tavam sozinhas na rua tem que ser machão pra falar pra internet inteira só consegui gravar isso pq no final ele veio pra cima de mim pra me bater e quebrar meu celular</p>  <p><u>Comentador(a)3 (Autor(a) do post):</u> e ele começou a me peitar falando que ia me quebrar e eu falei "quebra então" eu tava esperando só ele dar o primeiro tapa já que ele é o machão e ele não deu, pq aparentemente só tem cu pra falar achando que todo mundo tem que escutar quieto+</p>

Comentador(a)4 (Autor(a) do post): sabe oq é mais engraçado? é que apareceu dois caras pra olhar o que tava acontecendo e eles viram tudo e não mexeram um dedo pra ajudar no final das contas somos nós da comunidade lgbt+ por nós mesmo

Comentador(a)5 (Autor(a) do post): quando eu falei que ia chamar a polícia o cara meteu o pé na hora pq aparentemente só é homem na hora de falar o que quer, na hora de arcar e lidar com as consequência mete o pé+

Comentador(a)6 (Autor(a) do post): eu sei q acontece essas situações todos os dias com pessoas LGBTQ+ mas a gnt nunca imagina q vai acontecer com a gente não é a primeira vez q eu sofro lgbtfobia na rua, tenho certeza que não vai ser a última, mas é sempre horrível a sensação é horrível vc não poder andar em paz

Comentador(a)7: Eu sinto muito, Noah. Eles têm merda no lugar do cérebro pra se sentirem no direito de opinar em algo. Você não tá sozinha e eu fico tranquila por saber que ele não fez nada contigo - macho sendo macho. No fim, somos nós por nós mesmo.

Comentador(a)8: já aconteceu coisa parecida cmg e um amigo que é gay afeminado, uns nojentos no bar começaram a falar gracinha e pegar no pau fingimos que não vimos, nunca comentei com ele, não sei se ele realmente não viu ou fingiu assim como eu prefiro não mencionar mesmo

Comentador(a)9: Eu sinto muito por vocês, macho é assim mesmo, tudo merda. Não chamo de homem pq conheço alguns que merecem ser chamados assim, macho é o idiota que desrespeita mulher/lgbtqia+ mas quando o bicho pega correm igual ratos.

Comentador(a)10: Que nojento, babaca, escroto É muito triste que isso ocorra todos os dias, não temos liberdade e nem estamos seguros em lugar nenhum Só pela nossa existência Sinto muito pela situação que vocês passaram

No relato acima, a situação se passa quando duas amigas ouvem ofensas de uma pessoa na rua apenas por existirem e estarem transitando livremente. O lugar em que o evento acontece é a rua, ou seja, ambiente público. Os narradores são a autora do post, o algoz e os comentadores que contribuem de maneira a corroborar com a descrição do relato. Nos modos de contar, é possível perceber a recorrência do termo “machão” ou “macho” na maioria dos comentários, para caracterizar o algoz. Como também, o substantivo “escroto”, que caracteriza parte do órgão sexual masculino, é ressignificado como algo pejorativo para caracterizar homens desrespeitosos.

O insulto “coisa nojenta” na fala do algoz representa o ataque à identidade social *queer* das vítimas. A autora do post então rebate o algoz usando o mesmo tipo de insulto “feio” e “infeliz”, que são marcas de impolidez de insulto por referência negativa na

presença do alvo. O uso desses insultos funciona num processo de adequação/distinção, uma vez que se categoriza o outro como diferente, por meio do insulto. E esse processo de posicionar as identidades *queer* como anormais ajuda na construção da heteronormatividade (Butler, 1990) enquanto única identidade possível e legítima.

5.2.4 Praia – Twitter

No texto 9, o autor do post relata ter sofrido homofobia na praia quando estava esboçando afeto *queer* ao beijar um outro homem. Ele aponta que ouviu do segurança do local que aquela barraca era um lugar “de família”, ou seja, ele teve seu afeto desvalidado pelo funcionário da barraca.

Texto 9

<p>Postagem</p>	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>Eu que sofri lgbtfobia no la praia hoje Só que mexeram com a gatinha errada viu</p>
<p>Comentários:</p>	<p><u>Comentador(a)1:</u> Como foi isso, anjo?</p> <p><u>Réplica 1 (Autor do post):</u> Tava lá com uma amiga e um boe, daí a gente tinha dado uns beijos e alguém foi reclamar, daí o segurança chegou na gente pedindo pra pararmos de ficar porque o ambiente era “de família” e estava incomodando os outros clientes. detalhe: tinham vários casais héteros ficando de boas</p> <p><u>Comentador(a)2:</u> Migo, sinto muito mesmo por vc presenciar isso. A única coisa que me faz sentir melhor é ler o "se manque" que vc deu neles</p> <p><u>Réplica 2 (Autor do post):</u> De início quando ele começou a falar eu fiquei desacreditado, mas logo percebi q não poderia so ouvir aquilo e não ser enérgico na resposta. Eu e mais nenhum lgbt voltaremos pro armário, e eles vão ter que nos engolir</p>

A postagem relata um caso de homofobia sofrido pelo autor do post enquanto estava numa barraca de praia. O lugar em que o relato se passa é a praia, tendo como narradores o autor do post, o segurança e os comentadores que, com sua interação, ajudam na melhor descrição da narrativa. Nos modos de contar, é possível ver que o trecho “mexeram com a gatinha errada” elucida o descontentamento do autor do post e sua postura de não aceitar facilmente o episódio de impolidez. Também, o termo entre aspas “de família”, mostra como os afetos dissidentes são tidos como anormais, ou “não familiares”, o que escacera uma visão de família tradicional e heteronormativa como a única possível.

O autor do post, na réplica 2, aponta que ficou desacreditado que o segurança estava chamando a atenção dele por beijar outro homem no ambiente, justificando que aquele seria um ambiente de família. O trecho “detalhe: tinham vários casais héteros ficando de boas” é uma marca de crítica que o autor do post faz ao acontecido. Assim, a quebra da norma social de igualdade é o que fundamenta a homofobia vivida, já que não se justifica o fato da demonstração de afeto gay ter que ser contida, enquanto demonstração de afetos héteros são tidas como normais.

Dessa forma, o termo “de família”, usado pelo segurança para caracterizar o local, se configura como uma crítica/reclamação acentuada, e faz parte do processo de ilegitimação das identidades, pois o segurança usa de seu local de poder para tentar coibir as pessoas *queer* ali presentes de performarem suas identidades e afetos. Esse processo é tão violento que leva as pessoas *queer*, muitas vezes, a duvidarem do que está acontecendo e procurarem outros sentidos para entender e categorizar situações claramente preconceituosas.

Portanto, no caso do dado apresentado, a ilegitimação das identidades dissidentes transpõe o quanto a matriz heterossexual parte de uma ideologia de valores de uma família tradicional, que é legitimada como família, enquanto os afetos *queer* são vistos como banais e não se caracterizam como um tipo de família possível e aceito socialmente. Partindo de Foucault (1999), essa é mais uma forma de controlar os corpos, criando regimes de verdade e de poder-saber-prazer no discurso sobre a sexualidade humana.

5.2.5 Rua – Facebook

No texto 10, o autor do post conta que sofreu um episódio de homofobia enquanto estava procurando algum apartamento para alugar. Assim, uma senhora que passava pela rua se incomodou por ele ter parado numa vaga vazia para estacionar o carro na rua e começou a proferir xingamentos homofóbicos contra ele, que incluíram ameaças.

Texto 10

Postagem	<p><u>Autor(a) do Post</u></p> <p>SOFRI ATAQUE HOMOFÓBICO</p> <p>Que triste usar minha rede profissional para falar sobre isto. Mas depois da morte de amigos, ataques a outros e a mim, por questão de sobrevivência mesmo, eu decidi não mais me calar.</p> <p>Neste domingo 26/julho por volta das 17h vim ao centro da cidade procurar um apartamento para locar. Parei o carro na Av. Sete de Setembro, quase esquina com Rua Tibagi. Ao parar veio uma senhora bem vestida, com um cachorrinho muito simpático. Ela perguntou se eu era o Uber. Eu disse que não. E ela reclamou: “Se você não é porque parou o carro aqui?” Eu disse: “Tem vaga e eu preciso ir naquele prédio.” Ela ficou muito brava, quis me ofender gritando “Sua bicha, desgraçada, por isso que vocês apanham. Vocês merecem mesmo. Quero ver repetir isso na minha frente.” Eu segui adiante. Não fui onde iria, porque percebi que ela queria confusão. Eu não, segui andando. “Seu viadinho, vira homem, depois que leva uma surra na cara reclama”. Eu segui andando até uma padaria aberta. Preferi ficar ali, um lugar público e cheio de câmeras caso ela viesse atrás de mim para agressão física.</p> <p>Não é a primeira vez que sofro isto. Curitiba é a capital mais violenta para pessoas LGBT. Pessoas gays aqui podem apanhar “do nada”.</p> <p>Se você acha que isto é pouco é porque não é você que passa por isto quase toda semana, presencialmente, mas mensagens inbox, no mercado. Isto cansa, satura. Andamos em estado de alerta em todo canto. Cansa mesmo 😞</p> <p>Fiquei muito mal. É horrível não poder andar na rua livre, com medo de ser agredido ou apanhar “para virar homem”.</p> <p>Eu não quis filmar e nem enfrentar ela; isto só iria aumentar a raiva dela e gerar confusão. A quem nos agride com ódio revidamos com amor, com respeito, porque é isso que somos.</p> <p>Aos preocupados: estou bem, em segurança, na minha casa. A psicoterapia semanal já tem tema para estas semanas.</p> <p>Tirei a foto agora, bravo com a constância disso. Mas mais chateado com o fato 😞</p> <p>.</p> <p>#violencia #lgbtfobia #curitiba #agressão #hipnose #hipnoterapia #cwbgay</p>
----------	---

Comentários:	
	<p>Comentador(a)1: Poxa fico triste com essas pessoas. São uns esperitos pobres. Sem discernimentos. Olha só q mal tem um ser humano de escolher suas opções de vida ou tbm já nascer. E nem ter liberdade andando sempre c medo. Isso é tdo MT injusto né</p> <p>Comentador(a) 2: Erga a cabeça e siga em frente, que esse tipo de pessoa mal amada e preconceituosa tem em todos os lugares.</p> <p>Réplica 1 (Autor do post): Sigo em frente, mas vou usar estas situações para denunciar e educar. Obg pela mensagem 🙏🙏</p> <p>Comentador(a) 3: Eu fico perplexa como ainda hoje existem pessoas tão mal amadas, eu acho que uma pessoa que agride outra de forma gratuita deve estar muito doente! Fernando não se cale, nunca! Horrível esse tipo de situação! Revoltante!</p> <p>Réplica 2 (Autor do post): chega de se calar! Fazer da dor uma lição</p> <p>Comentador(a)4: Inaceitável, Fernando! Inaceitável. Absurdo! Velha mal amada, frustrada... Admiro sua classe e autocontrole, viu?! Eu já perdi a paciência com esse tipo de gatinha... Ah! E venha para o meu prédio! Adoraria ter como vizinho uma pessoa tão maravilhosa como vc!</p> <p>Réplica 3 (Autor do post): agradeço seu carinho. Esta senhora é vítima do sistema. Espero que um dia ela não passe pelo que fez comigo.</p> <p>Comentador(a) 5: Meu Deus, não consegui terminar de ler tamanha ignorância da tal "senhora". Que terrível saber tudo isso.</p> <p>Sinto muito pela atitude de - quem sabe - uma curitibana que JAMAIS irá me representar. Jamais direi que é minha conterrânea.</p> <p>Lamentável 😞</p> <p>Comentador(a) 6: Você fez bem em não revidar , mesmo porque ela vai agredir outras pessoas e ainda vai encontrar um põe ela no seu devido lugar</p> <p>Réplica 4 (Autor do post): À violência respondemos com empatia.</p>

Na narrativa acima, o autor do post expõe uma situação de homofobia que passou apenas por ter estacionado numa vaga vazia na rua. O relato se passa em uma via pública, o que mostra a falta de medo dessas pessoas em serem punidas, mesmo que a LGBTfobia seja tipificada como crime desde 2019. Os narradores se concentram no autor do post, na senhora homofóbica e nos comentadores que de maneira geral apoiam o autor do post em seus comentários. A recorrência dos insultos apontados acima, que atrelam a identidade *queer* como não legítima - e dos emoticons representando rostos tristes - caracterizam os

modos de dizer da narrativa, como também, a resposta do autor do post em direção a um grau de harmonia (e o fato dele ter evitado confusão saindo de perto da homofóbica).

Trechos como “Sua bicha, desgraçada” (vocativo personalizado na presença do alvo), “por isso que vocês apanham” (ameaça) e “Quero ver repetir isso na minha frente.” (ameaça) são marcas de impolidez que foram usadas no sentido de atacar a identidade social da face do autor do post. O mesmo também relata emoções negativas como tristeza, cansaço e raiva, o que concretiza a interpretação do ato como impolido. A algos da situação usa das ofensas e ameaças também como forma de desnaturalizar a identidade do autor do post enquanto homem e autenticar a identidade dela enquanto hétero e única legítima.

Embora, a situação tenha sido lida pelo autor como impolida, o que pode suscitar uma resposta igualmente impolida, considerando a norma social de igualdade, o autor do post, tendo como exemplo suas réplicas aos comentários, categoriza a senhora homofóbica como vítima do sistema. Consequentemente, direciona sua postura para a educação e a empatia para com a homofóbica. O que não é incomum de acontecer em relatos desse tipo, talvez pelo medo da violência piorar caso a vítima reaja.

A impunidade para com casos de LGBTfobia faz com que os algozes se sintam com liberdade suficiente para causar constrangimento em pessoas *queer*. O processo de adequação/distinção usados de maneira impolida também são resquícios da construção da heteronormatividade, já que a matriz heterossexual precisa de uma identidade oposta para produzir sua própria identidade (Butler, 1990). E, nesse ínterim, marginaliza e abjeta as outras identidades dissidentes.

Em resumo, observamos que a marca de impolidez que mais aparece nas narrativas é a crítica/reclamação acentuada. Isso nos revela que a maioria dos ataques as identidades *queer* tem natureza na não aceitação dessas identidades enquanto válidas. Como coloca Kristeva (1982), o sujeito *queer* é aquele que perturba o sistema e a ordem naturalizada da sociedade, e esse incômodo gera muitas críticas.

Já sobre os processos de construção identitárias, vemos que, das três táticas de intersubjetividade, as táticas de autorização/ilegitimação e adequação/distinção são as que mais ocorrem. Haja vista a falta de aceitação das identidades dissidentes, é comum que os LGBTfóbicos usem dos insultos de maneira a 1) construir suas identidades se distinguindo das identidades dissidentes e 2) construir suas identidades de maneira a

deslegitimar as identidades *queer* a partir do exercício de um poder local, já que hierarquicamente LGBTfóbicos são pessoas que seguem a heteronormatividade.

É nesse sentido que Butler (1990) vai entender que tanto as identidades heteronormativas quanto as identidades desviantes são socialmente e discursivamente forjadas. Por isso que, para Louro (2004, p. 38-39), “*Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.” Ou seja, se a sociedade coloca os sujeitos desviantes à margem, resta que essa margem seja ressignificada de modo que nesse lugar seja possível existir e performar a grande diversidade do que é ser *queer*.

Por fim, os episódios de impolidez contra pessoas dissidentes só reforçam políticas repressivas de identidades (Oliveira, 2021) que leva ao exercício do biopoder enquanto uma técnica de controle dos corpos. Por esse viés, é construído um regime de verdade do poder-saber-prazer sobre a sexualidade humana (Foucault, 1999) que estipula quais prazeres e identidades são aceitos e validados socialmente e quais serão negligenciados e apagados. O que se caracteriza como uma necropolítica (Mbembe, 2018), que é o exercício sistemático do poder que direciona quais corpos terão possibilidade de viver ou passar por violências e morrer.

6. CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objetivo geral analisar como se caracteriza a impolidez e a construção das identidades, por meio da junção dos aspectos co-textuais, contextuais e das escolhas linguísticas, a partir das narrativas de sujeitos dissidentes nos sites de redes sociais. Especificamente, nos atentamos em descrever a configuração da impolidez em narrativas dissidentes nas redes sociais; caracterizar os recursos verbais empregados no uso da impolidez e da construção das identidades nas mídias sociais; verificar como as identidades *queer* são construídas em sua relação com a impolidez.

Desse modo, as evidências deste trabalho apontam que a impolidez é um fenômeno comumente vivido por pessoas *queer* quando performam suas identidades, de maneira que, muitas vezes o medo da impunidade dos ataques faz com que membros da comunidade LGBT escolham não reagir às situações pelas quais passaram. O que leva

não apenas ao silenciamento e falta de combate ao crime de LGBTfobia, como a falta de interpretação de que as pessoas *queer* estão realmente passando por um crime.

Ainda sobre a reação das pessoas *queer*, por mais que alguns reajam de maneira enérgica, muitos direcionam sua postura para alguma ideia de “harmonia” e talvez isso se deva ao fato de que é exatamente e apenas isso que esses sujeitos dissidentes esperam quando apenas existem e tentam viver suas identidades de maneira livre. Nesse sentido, essa dissertação contribui para os estudos *queer*, pois ratifica a necessidade de dar voz a esses indivíduos que, de maneira rotineira, são silenciados. Como também, é importante apontar a necessidade de mais pesquisas empíricas, que façam uma análise das construções identitárias na interação, ao invés de tomar as identidades de modo fixo e/ou puramente biológico.

Já no que se refere aos tipos de ataques, mesmo que existem diferenças em sua natureza, todos os ataques são direcionados, de maneira geral, à comunidade LGBT e por isso é comum ver membros da comunidade reagindo às situações que não passaram, mas que ficaram sabendo por amigos, por exemplo. Uma ofensa que tem por intuito diminuir a identidade *queer* de alguém se configura como um insulto para toda a comunidade. Isto é, o insulto é experienciado como coletivo, não apenas individual.

Sendo assim, é ratificado como a matriz heterossexual (Butler, 1990) precisa produzir sua diferença por meio da impolidez para legitimar sua identidade como a única possível ou normal. E esse processo por mais que seja comum não é menos violento, pois, mesmo que as identidades se constroem pela diferença, ainda assim não se justifica tentar impor moldes fixos de identificação para todos os sujeitos em sociedade. Muito menos, se justifica observar como esse processo leva, da violência verbal, à violência física e até à auto violência dessas pessoas que fogem da binaridade de gênero. E é nessa questão que este estudo também contribui para a área da impolidez, visto que há uma grande necessidade de mais trabalhos que observam a impolidez por uma ótica ampla, considerando suas intersecções, visto que já há muitos trabalhos que estudam a impolidez de forma isolada ou se preocupam com questões de carácter individual.

Por fim, é possível aferir que, antes da LGBTfobia ser tipificada como crime, existia um receio maior das pessoas da comunidade em reagir às situações de violência que viviam, mas depois que isso mudou, observou-se uma postura mais interventiva das

pessoas dissidentes, mesmo que a impunidade para esse tipo de crime ainda seja grande. Logo, essa postura interventiva e a auto aceitação da comunidade enquanto diferente, *queer*, faz com que seja criado um ambiente de liberdade e combate às injustiças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, J. S. Inequity in social exchange. In: Leonard Berkowitz (ed.) **Advances in Experimental Social Psychology**, Vol. II. London and New York: Academic Press, 1965. pp. 267–99.
- ANDERSON, E. Beyond homo economicus: New developments in theories of social norms. **Philosophy and Public Affairs**. 2000. 29 (2): 170–200.
- BARKER, C.; D. GALASINSKI. **Cultural Studies and Discourse Analysis: A Dialogue on Language and Identity**. London: Sage, 2001.
- BARRETO FILHO, R R; RODRIGUES, J. M. M. Impoliteness and Identity in threads about Brazilian politics on Twitter. **LETRAS EM REVISTA**, [S.l.], v. 13, n. 01, jun. 2022. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/490>>. Acesso em: 10 set. 2023.
- BARRETO FILHO, R. R. **Avaliações da (im)polidez em interações no Facebook**. 2019. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- BARRETO FILHO, R. R.; FERNANDES, P. P. O. “A senhora tá totalmente descontrolada”: as avaliações da impolidez no caso de machismo na CPI da Pandemia no Brasil. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. e30651, 2023. DOI: 10.21680/1517-7874.2023v25n1ID30651. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/30651>. Acesso em: 8 out. 2023.
- BARRETO FILHO, R. R.; NEVES, H; BARROS, K S M. Impolidez em textos on-line no facebook: análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 433-452, 5 jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4013/cld.2019.173.02> Acesso em: 19 jul. 2023.
- BARROS, K. S. M. Perspectivas no estudo da polidez. In: CAMBRAL, A. L. T.; SEABRA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Org.). **Descortesia e Cortesia: expressão de Culturas**. São Paulo: Cortez, 2017 p. 359-374.
- BARTON, D; LEE, C. **Language Online: Investigating Digital Texts and Practices**. [s.l.]: Routledge, 2015.

BLITVICH, P. G. A Genre Approach to the Study of Im-politeness. **International Review Of Pragmatics**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.46-94, 1 abr. 2010. <http://dx.doi.org/10.1163/187731010x491747>.

BLITVICH, P; SIFIANOU, M. (Im)politeness and Identity. In: CULPEPER, J; HAUGH, M; KÁDÁR, D. **The Palgrave Handbook Of Linguistic (im)politeness**, [s.l.]: Palgrave Macmillan UK. 2017. pp. 227-256.

BORBA, R. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2018: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2018. Disponível em: <<chrome-extension://gphandlahdpffmccakmbngmbjnjjiahp/https://www.gov.br/secom/pt-br/aceso-a-informacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-2013-a-2018/relatorio-final-pesquisa-telefonica-redes-sociais-fev-18.pdf/@@download/file>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BREWER, M. B., & GARDNER, W. Who is this "We"? Levels of collective identity and self representations. **Journal of Personality and Social Psychology**, 71(1), 83–93. 1996 <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.1.83>

BROWN, P; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. New York: Cambridge University press, [1978] 1987.

BRUNER, J. **The Narrative Construction of Reality**. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 18, p. 1-21, 1991.

BUCHOLTZ, M. & HALL, K. Theorizing Identity in Language and Sexuality Research. **Language in Society** 33 (4):449-515. 2004.

BUCHOLTZ, M; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, [s.l.], v. 7, n. 4, pp. 585-614, 1 out. 2005. <http://dx.doi.org/10.1177/1461445605054407>.

BUTLER, J. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York, Routledge, Champman & Hall, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CARLSON, M, MARCUS-NEWHAL, A. L and MILLER, N. 1989. Evidence for a general construct of aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin* 15:377–89.

DURANTI, A. The social ontology of intentions. **Discourse Studies**, v. 8, n. 31, p. 31–40, 2006.

CARMO, B. B. da Silva. Análise narrativa e memória social: retratos em pequenas histórias da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA). **Revista Investigações**. v. 34, n. 2, p. 1 – 31. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/251281>. Acesso: 05, Mar.2023

CARTER, K. **The place of story in the study of teaching and teacher education**. Educational Researcher, Washington. 1993. v. 22, n. 1, p. 5-12.

CHALUPNIK, M., C, C., & MULLANY, L. (Im)politeness and gender. In J. Culpeper, M. Haugh, & D. Z. Kádár (Eds.), **The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness** (517-537). 2017. Basingstoke: Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7>

CLANDININ, J.D.; CONNELLY, M.F. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. **Stories of Experience and Narrative Inquiry**. Educational Researcher, Washington, v. 19, n. 5, p. 2-14. 1990.

CONWAY, M. A. and D. A. BEKERIAN. Situational knowledge and emotions. **Cognition and Emotion**1: 145–91. 1987.

CORTAZZI, M. **Narrative analysis**. London: Falmer Press. 1993.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes. 1995.

CULPEPER, J. **Impoliteness: Using Language to Cause Offence**. New York: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal Of Pragmatics**. 1996. [s.l.], v. 25, n. 01, p.349-367, 1996.

CULPEPER, J; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017, pp 199-226.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva.1973.

DEUTSCH, M. Equity, equality, and need: What determines which values will be used as a basis of distributive justice? **Journal of Social Issues**31: 137–50. 1975.

ECKERT, P., & MCCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**. 1992. 21, 461–490. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.21.100192.002333>

- EELLEN, G. **A critique of politeness theory**. Manchester: St. Jerome. 2001.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1999.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes. 1977.
- FRASER, B. NOLEN, W. The association of deference with linguistic form. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 27, p. 93-109. 1981.
- GALVÃO, C. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- GAO, G. Self and other: a Chinese perspective on interpersonal relationships. In: Gudykunst, W.B., Ting – Toomey, S., Nishida, T. (Eds.), **Communication in Personal Relationships Across Cultures**. Sage, London. 1996. pp. 81–101.
- GAYLE S. R. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. VANCE, C. S. (ed.). 1984. **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**.
- GEORGAKOPOULOU, A. Reflection and self-disclosure from the small stories perspective: A study of identity claims in interview and conversational data. In D. Schiffrin, A. De Fina, and A. Nylund (eds.), **Telling Stories: Language, Narrative, and Social Life**. Washington, DC: Georgetown University Press. 2009. pp. 226–247.
- GEORGAKOPOULOU, A. Small stories and identities analysis as a framework for the study of im/politeness-in-interaction. **Journal of Politeness Research**, 9, pp. 55–74. 2013.
- GEORGAKOPOULOU, A. Small Stories Research Methods – Analysis – Outreach. In: Luke Sloan, Anabel Quan-Haase (Org.) **The SAGE Handbook of Social Media Research Methods**. SAGE Publications: UK. 2017.
- GEORGAKOPOULOU, A. Small stories research: Methods–analysis–outreach. In: A, De Fina.; A, Georgakopoulou. (Org.) **The handbook of narrative analysis**. Wiley & Sons, Inc: UK, 2015. p. 255-271.
- GEORGAKOPOULOU, A. Small stories transposition & social media: A micro perspective on the ‘Greek crisis’. Special Issue. **Discourse & Society** 25: 519–539. 2014.
- GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories, interaction and identities**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2007.
- GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. **Narrative Inquiry**. 2006. 16. 129–137.
- GEORGAKOPOULOU, A. ‘On MSN with buff boys’: Self- and other-identity claims in the context of small stories. **Journal of Sociolinguistics** 12(5). 597–626. 2008.

- GIBBS, R.W. **Intentions in the Experience of Meaning**. Cambridge University Press. 1999.
- GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to Visual Perception**, Hillsdale. 1986. NJ: LEA,
- GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Harper and Row, 1974.
- GOFFMAN, E. **Interactional Ritual**. New York: Anchor Books, 1967.
- GOULDNER, Alvin W. The norm of reciprocity: A preliminary statement. **American Sociological Review** 25 (2): 161–78. 1960.
- GRICE, H. P. **Studies in the Way of Words**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1989.
- GRICE, H. P. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- GU, Y.G. Politeness Phenomena in Modern Chinese. **Journal of Pragmatics**, 14, 237-257. 1990.
- HANKS, W. **Language and communicative practices**. Boulder, CO: Westview Press. 1996.
- HAUGH, M. Im/politeness, social practice and the participation order. **Journal Of Pragmatics**, [s.l.], v. 58, p.52-72, nov. 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2013.07.003>.
- HAUGH, M. Intention in pragmatics. **Intercultural Pragmatics**, v. 5, n. 2, p. 99–110, 2008.
- HAUGH, M. The discursive challenge to politeness research: An interactional alternative. **Journal Of Politeness Research**. Language, Behaviour, Culture, [s.l.], v. 3, n. 2, p.295-317, 20 jan. 2007. <http://dx.doi.org/10.1515/pr.2007.013>.
- HINE, C., KENDALL, L. & BOYD, D. Question one: How can qualitative internet researchers define the boundaries of their projects? In: Markham, A.N. and Baym, N.K. (eds) **Internet inquiry: Conversations about method**. Thousand Oaks, CA: 2009. Sage, pp. 1–20.
- HOCQUENGHEM, G. El deseo homosexual. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual - Con "Terror anal", de Beatriz Preciado**. Espafi.a: Melusina, 2009. p. 21-131.
- HOFSTEDE, G. **Culture and Organizations: Software of the Mind**. London: Profile Books. 1991.
- HOLMES, J. **Women, Men, and Politeness**. London: Longman, 1995.

- IDE, S. Formal forms and discernment: two neglected aspects of universals in language. **Multilingua**, [s.l.], v. 8, n. 2, pp 223-248, 1989.
- KRISTEVA, J. **Powers of Horror: an Essay on Abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.
- LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. **Annals [...] Papers from the ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**, v. 9 n 1, 1973.
- LAURETIS, T. Queer theory: lesbian and gay sexualities. **Differences: a Journal of Feminist Cultural Studies**,3(2), iii-xviii. 1991.
- LAWSON, R. The construction of “tough” masculinity: Negotiation, alignment and rejection. **Gender and Language**, 7, pp. 369–395. 2013.
- LEARY, M. R. *et al.* The causes, phenomenology, and consequences of hurt feelings. **Journal of Personality and Social Psychology**74: 1225–37. 1998.
- LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. New York: Longman, 1983.
- LEVINSON, S. Putting linguistics on a proper footing: explorations in Goffman's concepts of participation. In: DREW, P; WOOTON, A. **Erving Goffman: Exploring the interactional order**. Cambridge: Polity, 1987. pp 161-227.
- LEWIS, E. S. Do “léxico gay” à Linguística Queer: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias Queer. **Estudos Linguísticos**. São Paulo. 1978), 47(3), 675–690. 2018. <https://doi.org/10.21165/el.v47i3.2049>
- LIU, R. The politeness principle in *A Dream of Red Mansions* Lancaster University. Unpublished M.Phil. Dissertation. 1986.
- LIVIA, A & HALL, K. **Queerly Phrased: Language, gender, and sexuality**. New York, Oxford University Press. 1997. 480p.
- LOURO, G. L. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. ISSN 1806 9584. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2001000200012>. Acesso em: 17 mar. 2019. 13p.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACHADO, J. A. S. e MISKOLCI, R. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 945-970, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238 38752019v9310>. Acesso em: 08 nov. 2023.

- MAO, L. Beyond politeness theory: face revisited and renewed. **Journal of Pragmatics**, v. 21, p. 451-486, 1994.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MATSUMOTO, Y. Reexamination of the Universality of Face Politeness Phenomena in Japanese. **Journal of Pragmatics**, 12, 403-426. 1988.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo, sp: n-1 edições. 2018.
- McINTOSH, M. The Homosexual Role In: SEIDMAN, Steven (Ed.). **Queer Theory/Sociology**. Oxford: Blackwell, 1996. p. 33-40.
- MILLS, S. Discursive Approaches to politeness and impoliteness. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Ed.). **Discursive Approaches to Politeness**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011, pp 19-56.
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP · Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. - Série Cadernos da Diversidade; 6.
- OHBUCHI, K. KAMBARA, T. Attacker's intent and awareness of outcome, impression management and retaliation. **Journal of Experimental Social Psychology** 21: 321-30. 1985.
- OLIVEIRA, H. K. (2021) Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer. **Revista Estudos Feministas**. V.29 n.1 p. 16. 2021.
- OLSON, M.; C. CRAIG. Small stories and meganarratives: Accountability in balance. **Teachers College Record**, 111, pp. 547-572. 2009.
- PERLONGHER, N. O que é AIDS. **Coleção Primeiros Passos**, n. 197. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.
- QUEEN, R. A Matter of Interpretation: The 'Future' of 'Queer Linguistics'. In: CAMPBELL-KIBLER, K. et al. (Orgs.). **Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice**. Stanford: CSLI Publications, 2002. p. 69-86.
- RYAN, M. Small stories, big issues: Tracing complex subjectivities of high school students in interactional talk. **Critical Discourse Analysis**, 5, pp. 217-229. 2008.
- SPENCER-OATEY, H. (Im)Politeness, Face and Perceptions of Rapport: Unpackaging their Bases and Interrelationships. **Journal Of Politeness Research**. [s.l.], v. 1, n. 1, p.95-119, 1 jan. 2005. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.95>.

SPENCER-OATEY, H. Face, (im)politeness and rapport. In: Spencer-Oatey, Helen (Ed.) **Culturally Speaking. Culture, Communication and Politeness Theory**. 2nd edition. London, Continuum, 2008. pp.11–47.

SPENCER-OATEY, H. Managing rapport in talk: using rapport sensitive incidents to explore the motivational concerns underlying the management of relations. **Journal of Pragmatics**, v. 34, p. 529-545, 2002.

SPENCER-OATEY, H. Rapport Management: A Framework for Analysis. In **Culturally Speaking: Managing Rapport Through Talk across Cultures** (pp. 11-46). London and New York, NY: Continuum.2000.

SPENCER-OATEY, H. Theories of identity and the analysis of face. **Journal of Pragmatics** 39, 639–656. 2007.

SPENCER-OATEY, H; XING, J. Rapport management problems in Chinese–British business interactions: a case study. In: J. House, J. Rehbein (Eds.), **Multilingual Communication**, Benjamins, Amsterdam. 2004, pp. 197-221

SPRECKELS, J. Identity negotiation in small stories among German adolescent girls. **Narrative Inquiry**, 18, pp. 393–413. 2008.

STAMP, G. H.; L. KNAPP, L. M. The construct of intention in interpersonal communication. **Quarterly Journal of Speech** 76: 282–99. 1990.

STATISTA. Statista Research Department. **Countries with the most X/Twitter users**. 2023. Disponível em < <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/>>. Acesso em: 12, nov, 2023.

TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002 [1987]. p. 183-214.

TERKOURAFI, M. Pragmatic Correlates of Frequency of Use: The case for a notion of minimal context. In: MARMARIDOU, S; NIKIFORIDOU, K; ANTONOPOULOU, E. (Ed.). **Reviewing Linguistic Thought: Converging Trends for the 21st century**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, pp. 209-233.

VAN DIJCK, J. You have one identity: Performing the self on Facebook and LinkedIn. **Media, Culture and Society** 35: 199–215. 2013.

VAN DIJK, T. A. **Communicating Racism: Ethnic Prejudice in Thought and Talk**. Newbury Park, CA: Sage. 1987.

VAN DIJK, T. **Ideology: A Multidisciplinary Approach**. London: Sage, 1998.

VANGELISTI, A. L; YOUNG, S. L. When words hurt: The effects of perceived intentionality on interpersonal relationships. **Journal of Social and Personal Relationships**17: 393–424. 2000.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

WATTS, R J. **Politeness**. [s.l.]: Cambridge University Press, 2003.

WODAK, R. Language, Power and Identity. **Language Teaching**, v 45, n 2, abril. pp 215-233. 2012.